# Código do Reino

João de Jesus Moutinho

Interpretações bíblicas e evangélicas
à luz da Codificação Kardequiana

1



FEB

# Código do Reino

# Código do Reino

João de Jesus Moutinho

Interpretações bíblicas e evangélicas
à luz da Codificação Kardequiana

Parte 1

FEB

# Sumário

No encalço do Mestre
O código do reino
Primeira Parte

1
Revelação mediúnica
2
Mediunidade
3
A extensa missão do Cristo
4
Bom samaritano
5
Magos
6
Batismo
7
Culpa original
8
Prato de lentilhas
9
Dez noivas
10
Obreiros da última hora
11
Jejum
12
Lençol

13
Tentação
14
Multiplicação de pães
15
Cego de Siloé
16
Alforje e espada
17
Passe
18
Fé
19
Oração
20
Bodas de Caná
21
Mercadores expulsos
22
Sodoma
23
Torre de Babel
24
A mulher cananeia
25
Véu do templo
26
Jesus carrega imperfeições humanas
27
Arrebatamento de Elias

28
Desobsessão
29
Remendo
30
Grande tribulação
Segunda parte
31
Divino embaixador
32
Crucificação
33
Fundamentos do cristianismo
34
Túnica do Cristo
35
Judas
36
Fel e vinagre
37
Armas da ironia
38
Bom ladrão
39
Sentença
40
Louvor perfeito
41
Ditosas moradas
42

Herdeiros da Terra
43
Templos
44
Homens e deuses
45
Zelo dos anjos
46
Assento à direita
47
Pedra angular
48
Criador de estrelas
49
O divino Esperado
50
Bom pastor

# No encalço do Mestre

*Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as escrituras.*
(LUCAS, 24:45.)

Por dezessete séculos, vestidos da indumentária sugerida por liturgias e dogmas que constituem a estrutura das doutrinas clássicas, os textos evangélicos se convertem, simbolicamente, no sal insípido (MATEUS, 5:13), condenado à inutilidade.

Explicadas atualmente à luz da Codificação Espírita, recuperam a versão de origem, como se o citado sal tivesse também a propriedade de restaurar o alimento.

Sugerem-se, nesta obra, compreensivas versões a parábolas e a textos bíblicos, por seguidos séculos sob o manto escuro de estranhos emblemas atribuídos por doutrinas convencionais.

Formam distinto bloco os textos evangélicos da segunda parte, por constarem também dos Salmos, livro de poemas religiosos do Antigo Testamento, que alguns tradutores definem por “sapienciais”, considerando não reconhecerem seus autores por profetas ou médiuns, olvidando as diversas manifestações mediúnicas. Alguns capítulos, ainda assim, devem ser admitidos por oráculos, considerando anotarem, com antecedência de dez séculos, as ocorrências do calvário, ainda que no domínio exclusivo da intuição.

Traduções da Editora Ave Maria atribuem 74 capítulos dos Salmos a Davi, 10 aos filhos de Coré, 8 a Asaf, 2 a Salomão e 1, respectivamente, a Emão, a Etão e a Moisés. A maioria, pois, pertence a Davi, que viveu em torno de dez séculos antes do Cristo, desconhecendo-se a origem dos 53 capítulos restantes.

Importa dizer, finalmente, que as interpretações aqui contidas não se distanciam da orientação consagrada por Emmanuel, que constitui parâmetro ao exame de qualquer texto evangélico, embora recordando Simão PEDRO, ao dizer que nenhuma profecia ou escritura assume particular interpretação (II PEDRO, 1:20).

# O código do reino

Os textos evangélicos aqui citados, por recuperarem legítimas interpretações, conduzem o leitor às origens do Cristianismo, cuja pureza os apóstolos preservam por três séculos ao preço da própria vida.

Traduzido por mundos celestes ou divinos, o reino a que o título faz alusão compreende elevada categoria de mundos habitados, citados pelo Mestre por moradas da imensa casa do Pai celestial. Conquanto preparadas por Jesus, são adquiridas com a eterna moeda, espiritualmente conhecida por virtude, o patrimônio dos anjos.

Definido também por riqueza da alma e compreendendo conquista íntima, o Reino celestial, depois de três séculos de sua implantação, veio a ser confundido com o prepotente reinado terreno, que, por preservar o trono físico, mantém o povo na ignorância, ampliando-lhe o quadro de pobreza.

Revelada pelo Cristo na autoridade com que restitui a saúde aos enfermos e na luz com que resplandece diante dos apóstolos, a virtude constitui-se por elevada soma de sabedoria, de moral e de verdade, cuja aquisição se efetua nos milhares de existências terrenas.

Humildade e pureza de coração, compreendendo o código de acesso ao citado reino, não pode ser olvidado pelo homem sem prejuízo à própria felicidade e ao ingresso nos planos superiores, conquanto a preferência que, por vezes, ainda empresta aos conhecidos impérios terrenos, que se fundamentam no orgulho e na prepotência.

Demonstradas nos suntuosos templos, nas coroas e nos ídolos consagrados pela Igreja universal, singulares fantasias confundem-se com o reinado do Cristo, por se olvidar que o Príncipe de Deus, conquanto Criador e

Administrador Espiritual do Sistema Solar, ingressou na Terra pelas portas de uma estrebaria.

A aquisição do etéreo trono, no entanto, não sugere recolhimento à vida monástica, olvidando as obrigações para com a família ou para consigo mesmo na pauta da vida física, por se considerar que os valores morais devem ser demonstrados no relacionamento com o semelhante.

Enquanto o prepotente reinado terreno, medindo a vida pelo corpo biológico, tem por limites o berço e o túmulo, o Reino do Céu, depois de edificado intimamente, alcança as constelações que compreendem as inúmeras moradas da casa do Pai celestial.

Sustentar a flâmula da morte e prometer o Céu depois do “eterno sono” constitui significativo enigma, mistério ou segredo, agora decifrado mediante o presente código que, utilizado com a chave do Céu consagrada por Jesus ao apóstolo Pedro (MATEUS, 16:18 e 19), descerra as envelhecidas portas do niilismo pelo homem implantadas há inúmeros séculos.

# Primeira Parte

# 1

# Revelação mediúnica

> *E vós, perguntou Jesus aos apóstolos, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. Jesus então lhe disse: Bem-aventurado és, Simão, porque não foi a carne nem o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos Céus. Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja e as portas do desconhecido não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares ou desligares na Terra será ligado ou desligado nos Céus. Desde então, começou a dizer aos discípulos que seria morto e ressuscitaria no terceiro dia, o que levou Pedro a reprová-lo. Mas Jesus, voltando-se, disse-lhe: Afasta-te de mim, Satanás, tu és para mim pedra de tropeço.*
>
> (MATEUS, 16: 13 A 23.)

Distintas definições são atribuídas por Jesus às respostas mediúnicas de Pedro, até agora examinadas sob o domínio da cultura tradicional. Admitida por autêntica, a primeira resposta do apóstolo é qualificada pelo Cristo de pedra angular ou alicerce sobre o qual edificaria sua Igreja. A segunda, no entanto, entendida por apócrifa, o Senhor lhe empresta o adjetivo de pedra de tropeço.

Não foi, todavia, ao corpo de Simão nem ao seu Espírito a que o Mestre fez alusão, conferindo o mérito da revelação, nem o admitindo por pedra de tropeço, tanto assim que afirmou não ter sido a carne nem o sangue que o revelaram.

Jesus fazia referência à faculdade mediúnica de PEDRO, pela qual o Pai celestial, por intermédio de Espíritos superiores, manifesta-se aos seres do mundo físico.

Buscando maior transparência para o texto, propõe-se a substituição do termo “igreja” por “doutrina”, emprestando ao vocábulo “pedra” o significado de “alicerce” ou “base”, com o que a oração terá a seguinte construção*: Sobre essa base edificarei a minha doutrina.* A base do fenômeno que dera origem à resposta que Jesus abençoou fora, pois, a mediunidade.

Jesus não se referia tampouco à construção de templos físicos, porquanto as edificações com que ainda se preocupa são as do Reino dos céus nos corações humanos.

Forçoso é convir que, sendo fator de comunicação, se a mediunidade enseja revelações de Espíritos moralmente superiores, igualmente transmite os pensamentos de Espíritos das diversas escalas evolutivas, para o que Jesus recomenda a vigilância que só o conhecimento espírita assegura. Esse o motivo que o levou a rejeitar a mensagem do apóstolo, que encerra a parábola, quando diz: “Afasta-te de mim, Satanás, para mim, és pedra de tropeço”. Nesse caso, a mensagem, também de origem mediúnica, procede de Espírito inferior, que só ele tem valores para identificar.

O texto ainda assegura que as portas do desconhecido não prevaleceriam contra a mediunidade à luz da Codificação.

Convém esclarecer que, se portas simbólicas se fecham com a morte, traduzindo o desconhecido, janelas se abrem com a mediunidade, restabelecendo a comunicação com os seres do Além.

Foi, pois, sobre o alicerce da mediunidade sublimada, fonte das mensagens diversas recicladas por Kardec, que, no século XIX, Jesus “edificou sua doutrina” (MATEUS, 16:18), “enviou o Consolador Prometido” (JOÃO, 14:16) e “restabeleceu todas as coisas” (MATEUS, 17:11).

Assim como o telescópio comprova a existência dos mundos físicos dispersos na imensidão do Universo, a mediunidade sublimada revela, igualmente, a existência do mundo espiritual e, consequentemente, a imortalidade do Espírito.

Enquadrar os fenômenos como paranormais não foi, todavia, o grande mérito do Codificador, considerando que, sob diversas denominações, a mediunidade sempre esteve presente entre os seres terrenos.

Os oráculos ou profetas do pretérito, contudo, nunca informaram ao homem a existência de uma sociedade organizada no Além.

Com Kardec, a mediunidade revela a imortalidade do Espírito, o processo de evolução, incluindo a reencarnação e a lei de causa e efeito, além de traçar diretrizes seguras para o seu próprio exercício.

Que não se olvidem o reconhecimento e o respeito ao ínclito Codificador, responsável pela estrutura do grande edifício da Doutrina Espírita, porquanto mensagens espíritas ou meros fenômenos mediúnicos sempre existiram na Terra, desde as eras mais remotas da Humanidade.

Todavia, foi no século XX e sob a mesma base, mercê das raras e sublimadas faculdades do médium de Pedro Leopoldo, que se implantou em definitivo, no mundo das consciências, imagem mais transparente da vida espiritual.

Assim como a Ciência procurou fugir ao domínio das influências atmosféricas, colocando em órbita aparelhagem de última geração com a qual se obtêm imagens mais limpas do Universo, igualmente, médiuns de reconhecida idoneidade moral e possuidores de elevada conscientização espírita definem, atualmente, novo conceito sobre a comunicação espiritual. Sem a interferência da atmosfera de antigas culturas dominadoras e das imperfeições morais do homem comum, suas faculdades permitem atravessar fronteiras dimensionais, alcançando outros planos tão conhecidos seus, com os quais estabelecem comunicação permanente.

As portas da morte não mais prevalecerão contra a doutrina edificada em sólidas bases da mediunidade sublimada, por comprovar a vida prosseguindo noutra dimensão.

Finalmente, o Mestre termina dizendo que daria a Pedro as chaves do Reino dos céus, sobre o que Allan Kardec informa: “O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil”.[1] É oportuno lembrar que o entendimento acerca da vida espiritual e a vivência do “amai-vos e instruí-vos” do Espírito de Verdade abrem, no mundo íntimo, lugar à legítima felicidade, além de descerrarem as portas dos mundos felizes – símbolo do Reino divino – porque o comportamento e as ações de cada ser na Terra determinam, na escala da evolução, seu estado nos planos do Além, outro motivo pelo qual as portas do inferno não prevalecerão.

Por isso, o Mestre ainda afirma que tudo o que se ligar ou desligar na Terra, por significar ações ou sementeiras diversas, representa, igualmente, colheita invariável de alegria ou de sofrimento no porvir.

[1] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. I, it. 5.

# 2

# Mediunidade

> *E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito - Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.*
>
> (Atos, 2:2 a 4.)

Definida por percepção, sexto sentido ou paranormalidade e como futuro patrimônio de todos os seres, a mediunidade é faculdade que se manifesta pela menor resistência orgânica encontrada pelo Espírito comunicante, sendo igualmente atributo que se desenvolve em etapas sucessivas de experiências, na Terra ou na espiritualidade, considerando que o medianeiro sério prossegue as atividades mediúnicas na condição de Espírito liberto.

Qualifica-se de “sublimada”, nos seres mais evoluídos, quando a serviço do bem; considera-se “vulgar”, nas criaturas de pouca maturidade espiritual, quase sempre a soldo dos interesses imediatos da vida transitória, e classifica-se de “torturada” quando se manifesta sob a forma de obsessão, desde a mais simples à de solução mais complexa.

A faculdade pode denominar-se “produtiva”, quando programada e estruturada no plano dos Espíritos, segundo as atividades a serem realizadas na Terra, onde continua sob o apoio superior, na proporção de sua seriedade; ou admitida por “improdutiva”, quando não existe qualquer programa de utilização ou porque são apenas manifestações de “forças mediúnicas em elaboração”.

Além do índice de percepção, a faculdade se estabelece em nível de relações fluídicas a serem definidas moralmente entre Espírito e médium, o que vale dizer que não basta desenvolvê-la para se identificar com Espíritos superiores, o que apenas se consegue somando à mediunidade significativos valores morais.

O Codificador qualifica de bom o médium que, no exercício da faculdade, vem a ser menos enganado. Informa, ainda, que a impaciência ou o desejo imoderado de desenvolver a mediunidade não devem levar a criatura a aceitar o concurso de Espírito moralmente inferior, com o intuito de libertar-se dele ao alcançar o objetivo, porque sua influência pode constituir-se, depois, em processo obsessivo de difícil solução. A mediunidade, lembra ele, deve ter o seu desenvolvimento espontâneo, depois da conscientização doutrinária proposta pela Codificação, por constituir, com os valores morais adquiridos, a defesa e a bússola, ou a espada e o alforje recomendados por Jesus aos apóstolos momentos antes de sua prisão.

Constitui grave equívoco o desenvolvimento da mediunidade, recomendado à guisa de tratamento às pessoas espiritualmente enfermas.

Convém lembrar que todos os médiuns participam, embora inconscientemente, em maior ou menor escala, das atividades mediúnicas, porque a faculdade tem por base a mente, por onde fluem os pensamentos próprios e os dos Espíritos que se comunicam.

A mediunidade vem a ser o “dom” a que fez referência o profeta Joel, ao dizer: “E nos últimos dias acontecerá, [...] que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne” (JOEL, 2:28 e ATOS, 2:17); ou o “Espírito Santo” a que se refere Paulo, quando pergunta aos efésios: “Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?” (ATOS, 19:2); ou ainda o batismo a que alude João Batista quando afirma que, depois dele, Jesus batizaria com o “Espírito Santo” (LUCAS, 3:16).

O profeta Jeremias e o apóstolo João recomendam que não se deve crer em toda revelação mediúnica, sendo necessário verificar se ela procede de Deus (JEREMIAS, 23:16). Por isso, o grande mérito atribuído a Kardec consiste em identificar a procedência do fenômeno, atento à orientação do Cristo, segundo a qual, pelo fruto se reconhece a árvore.

Creso, rei dos medos, facilmente comprova as qualidades paranormais da pitonisa de Delfos, em Atenas, por ser o único oráculo a revelar que preparava uma tartaruga numa panela de bronze. No entanto, destrói, ingenuamente, o

próprio reinado numa guerra contra Cyro, rei da Babilônia, por não entender o sentido oculto de outra mensagem da mesma pitonisa, ao dizer: “Destruirás uma grande nação” (Heródoto).

Abraão, o patriarca, não obstante suas qualidades morais e seu elevado índice de percepção mediúnica, prepara-se para oferecer, em holocausto, o filho, porque, descuidadamente, deixa de examinar o conteúdo da mensagem auditiva que recebe, ainda hoje, equivocadamente atribuída a Deus, sendo necessária a manifestação divina, que lhe exclama: “Não estendas a tua mão sobre o moço” (GÊNESIS, 22:12).

De acordo, pois, com a Codificação, é pelo conteúdo que se reconhecem a qualidade e a procedência da mensagem mediúnica, e não pelo nome do Espírito ao qual se atribui a mensagem.

O exame do conteúdo, no entanto, corresponde invariavelmente à cultura e à maturidade espiritual de quem analisa. Essas as qualidades de Allan Kardec reciclando o volumoso material que lhe chegou às mãos, no trabalho da Codificação, em igualdade com o que ensinou o Cristo ao identificar as duas revelações procedentes da mediunidade do apóstolo Pedro.

A existência de falsos médiuns, ou a mediunidade a serviço de interesses subalternos, não constitui motivo para condená-la, como não se condenam os modernos meios de comunicação, porque também são mal utilizados.

Todos os profetas ou oráculos da antiguidade são considerados paranormais, maiores ou menores, segundo a classificação da Igreja. Moisés, relacionado entre os maiores, apesar da censura que impõe à magia, faz referências honrosas à mediunidade quando se refere a Eldad e a Medad, que profetizavam no campo, esclarecendo: “Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta” (NÚMEROS, 11:26 a 29). O rei Saul, ciente das instruções impostas por Moisés, dirige-se disfarçado à pitonisa de Endor, procurando orientação do Espírito Samuel, o juiz que lhe havia concedido a unção de rei (I SAMUEL, 28:8).

Foi o Cristo, porém, quem enalteceu a mediunidade com a manifestação no Tabor, onde, à vista de dois apóstolos, dialogou com os Espíritos Moisés e Elias (MATEUS, 17:3).

Não obstante suas extraordinárias demonstrações, os médiuns, qualificados de bruxos pela Igreja, foram perseguidos e condenados a diversas torturas e à morte pelo Tribunal do Santo Ofício.

Como fator de comunicação espiritual, constitui-se a mediunidade, quando vulgarizada, de pedra de tropeço – condenada por Moisés e Jesus –, mas, quando sublimada, de pedra angular ou de sólido alicerce na restauração do Cristianismo, por comprovar a continuidade da vida organizada além das portas que o túmulo cerra à vida terrena.

# 3

# A extensa missão do Cristo

> *E, levantando-se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava. E, achando-o, lhe disseram: Todos te buscam. E ele lhes disse: Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue; porque para isso vim.*
>
> (MARCOS, 1:35 E 37 A 38.)

Por recusarem a imortalidade do Espírito, os seres deste plano, por consequência, desprezam o próprio destino, olvidando a vida organizada no plano espiritual, em cuja dimensão permanece a maior porcentagem dos habitantes deste mundo, excluídos, segundo apreciação do homem, da missão do Cristo, não obstante conviverem com os encarnados, a quem influenciam de acordo com as íntimas inclinações.

Além de configurar ausência de compreensão e de valores morais, o termo “deserto”, no presente texto, compreende sinônimo do plano invisível, a cujos habitantes – os Espíritos – Jesus consagra igual orientação evangélica, compreendida na sua missão.

Jesus prega, pois, nas cidades e nas aldeias, do que participam os habitantes de outra dimensão que, apesar de não identificados no mundo físico, em número maior, figuram sempre na multidão de ouvintes.

Por se constituir da mesma geração de almas, portanto de cultura equivalente, a vida espiritual, organizada em sociedades, denuncia, como no plano físico, compreensivos quadros de riqueza e de pobreza, diferenciando-se apenas na moeda que tem por lastro o ouro intransferível da inteligência, da moral e da educação, além do crédito traduzido no bem consagrado ao próximo.

Revelada pelo Codificador, a escala espírita, compreendendo valores íntimos e intransferíveis no plano espiritual, facilmente se identifica sem a máscara da hipocrisia em que se fundamentam os valores da sociedade terrena, preocupada exclusivamente com dinheiro, aparências e fantasias.

Sem a indumentária física em que os demônios encarnados se ocultam, o diabo do deserto, não por tentar o Mestre, como relatam as convenientes traduções, mas por ostentar a própria coroa, propõe a Jesus antecipar a multiplicação dos pães, que sabia constar da pauta de sua elevada missão na Terra e, por destacar o arbitrário poder, mostra-lhe todos os reinos do mundo e as respectivas glórias, o que, noutros termos, posteriormente, Pilatos também lhe mostra, por dizer: “Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te condenar?”.

A resposta do Cristo a Pilatos, a seguir citada, também seria adequada ao diabo do deserto: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado” (JOÃO, 19:11).

Dotado de compreensão superior à dos que condenam o Cristo, o diabo do deserto conhece o extenso poder do Senhor sobre as águas e sobre o Espaço que, melhor do que os pássaros do céu e sem as convencionais asas religiosas, domina sem a contribuição dos anjos, seus prepostos.

Autor da vida física, a multiplicação imediata e coletiva de pão, programada para ulteriores dias de sua curta existência, compreende parte da missão de Jesus neste plano, enquanto a transformação de pedras em pão, solicitada pelo diabo, compreende tarefa do homem, iniciada na preparação do solo, seguida pela semeadura e finalizando-se na fabricação do pão.

De sua elevada missão, o Senhor não exclui, pois, os seres que habitam noutra dimensão e que, no símbolo de aves do céu, trilhando a estrada evolutiva, se alimentam da semente lançada pelas sábias mãos do Cristo (MATEUS, 13:4 a 7).

# 4

# Bom samaritano

> *E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.*
>
> (Lucas, 10:30 a 35.)

Na esfera da evolução, percorre o homem séculos e milênios, reinos e povos, nascendo e morrendo, até que o barco da evolução alcance o porto seguro da sublimação espiritual. Enquanto isso, a criatura não se isenta das ásperas e incômodas viagens de reconstruções e acertos aos mares revoltosos das reencarnações.

Por vezes extasia-se com a beleza das esferas superiores da Jerusalém espiritual, onde estagia, visando sedimentar instruções para o porvir, delas se ausentando por empreender a descida à Jericó da existência carnal, atenta aos reclamos da consciência culpada, porque contra o anseio das claridades de cima existem os milênios de crimes sombreando os passos do presente.

Na ausência da segurança imposta pela virtude, fica o aprendiz exposto ao assalto das paixões e dos vícios, que são os parceiros dos milênios e pelos quais se encanta, à semelhança de troianos desprevenidos, abrindo ao inimigo os portões do coração, num convite à própria destruição. Os salteadores, depois de roubarem e ferirem as últimas reservas das resistências espirituais, o abandonam à condição de semimorto espiritual.

Por vezes, o indivíduo se acredita preparado a vencer as sugestões da animalidade, da avareza, do orgulho e da maledicência, para sucumbir, sem resistência, ao seu imperativo.

Jesus, todavia, acompanha sempre a criatura para o auxílio decisivo e oportuno. E, se o socorro falha, conforme previsto pelo plano maior, nas mãos dos sacerdotes e levitas que se diplomaram para isso, a assistência surge, inquestionavelmente, nas mãos dos bons samaritanos, que não encontraram na Terra os pergaminhos que autorizam a realização do serviço. Tampouco são conhecidos do mundo, ao qual não pertencem, no dizer de Jesus. Mas tal como Ananias que atende a Saulo depois da exortação do Cristo, surge para todos o auxílio dos samaritanos depois das sendas de Damasco.

Os hospedeiros são almas que já se afeiçoaram à arte de conjugar os verbos amar e servir, pelo que recebem o soldo que a traça não rói e a ferrugem não consome, auxiliando, na viagem de retorno à casa paterna, os filhos pródigos que se feriram nos acidentes a que foram conduzidos pela própria incúria, indiferentemente à Religião a que se afeiçoaram.

Se o próximo é o que usa de misericórdia para com os caídos do caminho, Jesus é quem está mais perto de todos, pelo amor e pelo sentimento, acompanhado de Espíritos de escol, como Bezerra, Barsanulfo e outros.

Apesar de a vaidade humana guardar a pretensão de manter o Cristo nos círculos acanhados do sectarismo religioso, Jesus prossegue trabalhando e amando indistintamente, ratificando o seguinte preceito*:* “Se vos amardes uns aos outros como eu vos amei, sereis reconhecidos como meus discípulos”.

# 5

# Magos

> *Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém e perguntavam: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o Rei e, com ele, toda Jerusalém. E disse-lhes Herodes: Ide informar-vos a respeito do menino e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me para eu ir também adorá-lo. Depois de ouvirem o Rei, partiram, e eis que a estrela os precedia, até que parou sobre onde estava o menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se e, prostrando-se, adoraram a criança e entregaram-lhe suas ofertas em ouro, incenso e mirra. Sendo prevenidos em sonho para não voltarem a Herodes, regressaram por outro caminho.*
>
> (MATEUS, 2:1 A 12.)

Do texto evangélico, destacam-se alguns itens que merecem maior reflexão:

- A ausência, no Evangelho, da expressão três reis;
- O caráter mediúnico da visão dos magos;
- O sinal, para os magos e todos os seres: “onde encontrar o Cristo”;
- Orientação espiritual para os que já encontraram o Cristo, a fim de não retornarem aos caminhos de Herodes.

Apontamentos do apóstolo Mateus dizem que vieram “uns magos” do Oriente a Jerusalém, enquanto Lucas narra que havia naquela região “pastores” que viviam nos campos, onde guardavam seu rebanho. Os únicos evangelistas

que relatam o assunto não se referem a “três reis”, de acordo com o que propõe a cultura religiosa tradicional.

A Doutrina Espírita dispensa os números cabalísticos e as fantasias que tanto agradam aos seres espiritualmente mais jovens, por considerar que, na trajetória do progresso, a dor e a razão os desfazem como nevoeiros aos primeiros raios do sol nascente.

Não foram reis, nem três, os seres que registraram, em audição e visão, a mensagem excelsa que anunciava a presença na Terra do grande Salvador, de conformidade com o que rezavam as Escrituras.

Se “mago” é sinônimo de “profeta” ou “médium”, conclui-se ter sido mediúnica a visão que os magos ou os pastores tiveram. A julgar a estrela por cometa ou corpo físico, todo o povo de Jerusalém teria participado da visão, deixando, pois, de ser exclusiva dos pastores ou dos magos. Acrescente-se, ainda, que um corpo físico ou cometa não poderia afastar-se de sua órbita, a fim de acompanhar os magos até a manjedoura, “parando sobre onde estava o menino”.

Todavia, não basta ser médium ou mago para obter mensagens ou visões de seres espiritualmente superiores. Outros magos existiam à época, inclusive no palácio de Herodes, como existem na atualidade tantos médiuns que não conseguem o exercício regular da mediunidade com entidades de nível superior.

Não importa que o sensitivo seja portador de elevado índice de percepção, uma vez que Espíritos superiores somente mantêm vínculos mediúnicos normais com médiuns de elevada condição moral.

Portadores de significativa moral e auxiliados pela intuição, Simeão e Ana identificam o Cristo, quando os pais o conduziram ao templo, no oitavo dia, para a consagração, de conformidade com os postulados do judaísmo, enquanto os fariseus[2], embora dotados de significativa cultura, não conseguem identificar, na figura excelsa do Cristo, o grande Esperado, mesmo em face das curas que diariamente realizava, porque ainda assim pediam a ele sinais no céu, não obstante os inúmeros que realizava na Terra.

Outro item a merecer análise cuidadosa é a orientação dos Espíritos, visando à localização e à identificação do Cristo. Eis o sinal, disseram eles: “Encontrareis o menino numa manjedoura”.

Enquanto os príncipes do mundo nascem em palácios sob ruidosa curiosidade do povo, o príncipe de Deus comparece à vida física sob o silêncio das estrelas em singela estrebaria.

Lucas narra que os pastores, guiados pela estrela, dirigem-se ao local indicado, onde identificam o Cristo. Mateus afirma, porém, que os magos se dirigem a Jerusalém e a Herodes, pedindo notícias do menino.

Idêntico tem sido o comportamento das criaturas em sua trajetória terrena. Dotadas do livre-arbítrio, nem sempre demandam os caminhos que conduzem diretamente à manjedoura, atentos como os pastores à orientação da estrela. A maioria prefere ainda excursionar pelas veredas dos reinados materiais, à semelhança dos magos, até que amargos desenganos ensinem que os Herodes não têm notícias do Cristo.

Não é, pois, por falta de orientação ou clareza da mensagem espiritual, mas por ausência de visão, entendimento, interesse ou maturidade espiritual que se retarda o encontro com o Cristo, considerando que ele se encontra sempre com os que sofrem, esperando as criaturas na manjedoura humilde dos corações, onde aguarda igualmente o incenso e o perfume dos mais elevados sentimentos.

Continuando o processo de orientação, os magos são avisados, em sonho, para não retornarem a Herodes, recordando aos seres que já localizaram o Cristo para não retornarem aos caminhos da retaguarda evolutiva.

Na escola planetária, todos os seres são contemplados pelas messes conferidas aos pastores e aos magos, sem faltar o hino de glória a Deus e os votos de paz aos homens de boa vontade.

---

[2] Nota do autor: membros de um grupo de judeus que obedecia a leis religiosas rígidas. Os fariseus viveram na Judeia, Palestina, no tempo de Jesus. Não mantinham relações com os não crentes ou com os judeus estranhos ao seu próprio grupo. Os fariseus consideravam-se mais justos e santos do que os outros em geral.

# 6

# Batismo

> *No dia seguinte, João viu Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! [...] Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água. E João testemunhou dizendo: Vi o Espírito descer do Céu e pousar sobre ele [...] Por isso tenho testificado que ele é o Filho de Deus.*
>
> (JOÃO, 1:29; 31; 32 E 34.)

A aquisição dos valores religiosos, segundo Emmanuel, constitui a tarefa mais importante do homem e o quadro dos conhecimentos mais valiosos a serem adquiridos, por compreender processo de iluminação definitiva da alma para Deus.

No entanto, o apego à vida física, o ilimitado condicionamento imposto por doutrinas tradicionais, aliados à vaidade, acabam por instituir diretrizes estranhas à Religião de origem, de cujos fundamentos excluem a imortalidade do Espírito, a moral e a humildade, substituídas por salvação simbólica, com base em atos litúrgicos de rígida observação, nos quais os seres se acomodam por séculos, até que estranhos recursos, inclusive o sofrimento de significativa magnitude, venham reconduzi-los à senda da evolução.

Neste capítulo, vale fazer alusão ao batismo, adotado por símbolo de purificação. Se o asseio se relaciona ao corpo físico, a água é o principal componente, além de contribuir para a saúde e o bem-estar. Na purificação do Espírito, porém, o processo consiste na reforma íntima, tendo por base a conscientização evangélica, razão por que diz aos apóstolos: “Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés” (JOÃO, 13:10). Há que se considerar

ainda, além de porfiados esforços, o tempo que envolve inúmeras existências, diversos lares, escolas e experiências diversas. Não é, pois, com ligeira cerimônia que se purifica o Espírito milenar, modificando-lhe a personalidade.

Ainda neste campo, referências devem ser feitas à circuncisão, dogma originado de um pacto que Abraão, o velho patriarca, origem do judaísmo, teria feito com Deus (GÊNESIS, 17:10), ao qual Moisés adicionou dois outros: o primeiro refere-se à consagração do primogênito (ÊXODO, 13:1), enquanto o segundo consiste na purificação da mulher após o parto (LEVÍTICO, 12).

Na lei mosaica, não era a criança que trazia o estigma do pecado, conforme a cultura hodierna da Igreja. À mãe era atribuída a falsa impureza discriminativa prescrita para um período de 40 ou de 80 dias, conforme o sexo masculino ou feminino da criança.

O batismo de João – a voz do que clama no deserto – não tinha respaldo nas leis mosaicas. Recomendado pelo mentor espiritual do Profeta, o "batismo do arrependimento", além de identificar o Cristo ao povo, consistia também do reajuste moral do homem e de sua adequação espiritual ao convite do Mestre, de quem fora precursor.

Esclarecia, pois, o Batista:

> E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim [referindo-se evidentemente ao Cristo] [...] vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. (MATEUS, 3:11).

A reparação do mal, envolvendo existências de sofrimento, compreende o batismo de fogo, a que João se refere nessa passagem, isso porque com o Senhor se inicia, para alguns Espíritos, uma era de maior responsabilidade, não só pela maturidade espiritual que alcançam, como também pela conscientização facultada pela Doutrina Cristã, diante da qual não se pode alegar ignorância.

Acabam-se, para muitos, as liturgias e as purezas simbólicas que, pelo menor esforço, tanto agradam ao homem despreocupado de sua evolução.

O batismo atribuído ao Mestre não pode ser assim interpretado, porquanto ele nada tinha de que se arrepender. O encontro nas águas saudosas do Jordão traduz testemunho de João acerca da condição messiânica do Cristo, longamente esperado, de acordo com a profecia a seu respeito: "Aquele sobre o qual vires descer o Espírito, este é o que batiza com o Espírito Santo" (JOÃO, 1:33).

Todavia, depois dessa passagem, Jesus fez referência ao batismo por que teria de passar (LUCAS, 12:50), alusão ao sacrifício anotado à pauta de sua vida. Esse batismo não seria um ato litúrgico de menor esforço em que o sangue livra o ser do sentimento de culpa, mas exemplo vivo das leis que presidem os destinos das criaturas.

Finalmente, o batismo da Igreja, que consiste em afastar o pecado do sexo. Onde estaria a origem dessa tradição? Provavelmente, na revelação do anjo Gabriel a respeito da concepção de Maria. Por que ela não poderia conceber como todas as mães da Terra? Por que teria de acontecer por obra do Espírito Santo? Essa filosofia determinou a criação do batismo hodierno que, a bem da verdade, não fora o ensinado por Moisés, nem por JOÃO, ao tempo do Cristo.

Se Mateus faz alusão ao batismo que, numa tradução de conveniência, Jesus teria recomendado (MATEUS, 28:19), Paulo esclarece que o Cristo não o mandou a batizar, mas a evangelizar (I CORÍNTIOS, 1:17), o que faz entender que o batismo, como símbolo de purificação do Espírito, é processo de educação moral que se efetua com o esforço da evangelização.

Se houvesse de haver preocupação com o pecado de origem, que fosse atribuído à origem do Espírito, e não à do corpo físico.

Instituído em 553 d.C. por Justiniano, o batismo constitui dogma de compreensivo interesse da Igreja, considerando o domínio a que, pelo condicionamento de berço, o ser fica submisso por toda a existência a despeito da cultura que adquira depois de adulto com base no princípio, segundo o qual, o que berço dá, nem o túmulo retira.

Por isso, ainda que o homem, no curso da Vida, venha a migrar para outra Religião, o adepto sempre denuncia ligeiros remendos ou fantasias que recordam a Religião de berço, a menos que, de idênticos princípios, a Religião eleita se diferencie apenas pelo acréscimo do dízimo.

Pode-se admitir, finalmente, que a criatura de sentimentos deseducados, no uso de suas energias sexuais, no campo da irresponsabilidade, adquira compromissos que, na senda da evolução, a água da lágrima lavará e o fogo do sofrimento haverá de purificar, mas que nada tem a ver com o sexo que, numa de suas elevadas funções, permite o prosseguimento à vida celular, ainda indispensável ao processo de evolução espiritual.

Concluindo, vale lembrar que todas as culturas que não contribuem para a evolução do Espírito ou que não o libertam em definitivo da dor são vãs e inúteis, podendo-se também dizer com Jesus: “Arrancada será toda planta que meu Pai celestial não plantou”.

# 7

# Culpa original

> *E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do - SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.*
>
> (GÊNESIS, 3:6 A 11 E 19.)

Emmanuel refere-se a Adão e Eva como símbolo dos Espíritos que, pertinazes no erro, migraram de um planeta no sistema do Cocheiro, de onde foram expulsos, porque comprometiam sobremodo a consolidação das conquistas de paz e de felicidade a que faziam jus os habitantes daquele planeta[3].

Recebidos espiritualmente por Jesus, o Patrono Espiritual da Terra lhes assegura assistência permanente nos caminhos de suas futuras encarnações de redenção e aprendizado moral. Tais seres encontram, no plano físico, família diferente, constituída de seres inferiores – o *primata hominis* – em cujo seio buscaram as primeiras encarnações, admitidas por berço das civilizações perdidas do pretérito.

Tristes e errantes, esses Espíritos guardaram sempre a tênue recordação de uma vida anterior e do degredo a que foram submetidos na Terra, dando motivo à tradição do paraíso perdido, incluída nas páginas sagradas, em forma de símbolos que o tempo e as sucessivas culturas acabariam soterrando no terreno de fantasiosas interpretações.

Por muitos milênios, essas criaturas não veriam a luz suave da Capela, morada saudosa, perdida na poeira cósmica, para onde somente retornariam depois da redenção alcançada na forja das inúmeras existências de luta e dor, no encalço dos valores morais de que sempre foram carentes.

Os métodos primitivos e sacrificiais que encontram na Terra para a obtenção do alimento, comparados aos do plano de onde procedem, e a esperança de um retorno futuro tornam fácil a interpretação do texto: “De hoje em diante comerás o pão com o suor de teu rosto, até que retornes à terra de onde vieste”. Convém esclarecer que a última oração não faz referência à volta do corpo ao túmulo, mas do Espírito ao plano de origem.

Somente depois de libertos dos compromissos morais que determinaram o degredo neste orbe, e na condição de Espíritos, alguns seres puderam retornar à terra de onde vieram, onde seus habitantes, considerados de maior evolução, já dispensam o suor do rosto na obtenção do alimento.

Convém esclarecer que o Espírito, o ser inteligente, não pode ser confundido com o corpo que temporariamente utiliza nas experiências do campo físico, de acordo com a cultura religiosa convencional, que considera, por isso, o túmulo como destino dos seres no exame apressado do texto: “Tu és pó e em pó te hás de tornar”. Pó é termo utilizado por tradutores de cultura católica, que deve ser atribuído apenas ao corpo, cujos elementos, após a morte, retornam à - Natureza, sua fonte de origem.

O homem, o ser imortal, a quem pertencem os atributos da inteligência e das qualidades morais, no corpo ou fora dele, é sempre o Espírito, na viagem permanente e infinita da evolução.

A figura bíblica acerca do fruto proibido, que dá origem à “culpa original”, não se refere ao sexo, mas à responsabilidade de cada ser, no domínio das próprias ações e atos que, de acordo com a Justiça Divina, medem-se na razão da evolução e dos conhecimentos adquiridos.

Enquanto o Espírito permanece no estado de ingenuidade, ou antes de acordar o seu raciocínio, sua consciência não registra qualquer sentimento de culpa, denunciando nudez de virtudes e de sabedoria.

À medida, porém, que se processa a evolução, ou que experimenta o fruto do saber, seus olhos se abrem, dilata-se o raciocínio, iniciando o processo de responsabilidade e consequente culpa pelo mal que faz e até pelo bem que deixa de fazer, ainda que aconselhado pela malícia – símbolo da serpente que existe em termos de imperfeições próprias.

O mal é sempre fruto dos impulsos da primitividade e se manifesta na condição de crueldade, despotismo, egoísmo, avareza, ambição, dando origem à manifestação da consciência – a voz de Deus – que orienta as ações de cada ser, segundo o grau de conscientização refletido no espelho da razão. Nesse caso, a voz divina se faz ouvir na condição de remorso, que leva as criaturas a se ocultarem nos vários corpos que utilizam na Terra, emblema dos trajes que Adão e Eva tecem com folhas, depois de abertos os olhos do entendimento.

Na descendência de Adão e Eva, deve-se considerar que, se Caim pode compreender alusão aos seres belicosos que ainda se vangloriam das agressões aos povos fracos por eles escravizados política e economicamente, Abel deve lembrar as criaturas que já escolheram o caminho da brandura, por vencerem inimigos íntimos, preparando-se para a nova era de paz, já referida por Jesus sob forma de parábolas.

---

[3] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

# 8

# Prato de lentilhas

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o Reino dos céus e a sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas.*
>
> (MATEUS, 6:33.)

Isaque, filho de Abraão, teve dois filhos, Esaú e Jacó (GÊNESIS, 25:30). Apesar de gêmeos, Esaú nascera primeiro, conferindo-lhe o direito de primogenitura que lhe assegurava a condição de sucessor do pai na direção de todos os bens.

Embora destro caçador, certo dia de mais sorte da caça, Esaú retornou ao lar cansado e com fome, dando motivo a que permutasse com seu irmão o direito de primogenitura por um prato de cozido de lentilhas.

A saga do prato de lentilhas compreende o conceito terreno sobre os valores nos dois planos de vida – o físico e o espiritual.

O prato de lentilhas recorda o imediatismo inconsciente, sugerindo oportunidades coloridas de sonhos e de felicidade transitória, cuja escolha compromete a condição futura. O direito de primogenitura lembra o título de "completista", alcançado pelo discernimento na escolha dos valores reais da vida que liberta o homem do círculo vicioso das inúmeras encarnações de feição provacional ou expiatória.

O apego exagerado e doentio aos interesses imediatos do mundo econômico ou às situações meramente simbólicas gerado pelo egoísmo, o cultivo sistemático de mazelas milenares ou contemporâneas que a ausência de conscientização espiritual ainda veste de elegância, o indiferentismo acerca da renovação íntima, são situações que definem a escolha de cada um no quadro dos valores que caracterizam a própria evolução.

Não que o indivíduo devesse negligenciar os compromissos devidos à família, à comunidade ou para consigo na pauta da vida terrena, à feição de talentos de que terá de prestar contas e que a ociosidade e a indiferença, mescladas de virtude, pudessem justificar.

As situações difíceis, consideradas infelizes, ou as mais lisonjeiras, admitidas por felizes, são oportunidades adrede programadas na vida maior, com vistas à necessidade de reabilitação própria ou à expiação de faltas que a consciência culpada sugere à guisa de terapêutica espiritual no encalço da própria redenção.

Poucas, porém, são as criaturas, independentemente da feição filosófico-religiosa, que colocam os interesses do Espírito, ou da vida futura, acima dos da vida terrena.

A preferência pelo prato dos interesses pessoais da vida presente, ainda que com prejuízo ao semelhante, tem por base o egoísmo travestido de previdência e a ignorância acerca da vida futura, além dos dogmas religiosos que, abonando o crime, prometem um céu de fantasias, olvidando as lições contidas no Evangelho, inclusive a que determina: “Fazei ao próximo o que desejais que ele vos faça”.

# 9

# Dez noivas

> *O Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco prudentes. As néscias não levaram azeite consigo. No entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite. E, tardando o noivo, adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: eis o noivo. Levantaram-se as virgens e prepararam suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite porque nossas lâmpadas estão se apagando, ao que as prudentes responderam: Não! Para que não nos falte a nós, nem a vós. Ide adquiri-lo junto aos que o vendem. As que estavam apercebidas entraram com o noivo para as bodas, e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as néscias, clamando: Senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Não vos conheço. Vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora.*
>
> (MATEUS, 25:1 A 13.)

Alguns símbolos dessa parábola são definidos, de início, para assegurar melhor entendimento ao estudo do texto:

Noivo – Jesus;

Dez virgens – Humanidade em sua condição primitiva;

Casamento – comunhão espiritual das criaturas com o Cristo;

Azeite – símbolo do combustível que alimenta a luz da virtude;

Vinte e quatro horas – dia simbólico alusivo a um ciclo evolutivo;

Meia-noite – término do período.

Além do tempo determinado pelos movimentos de rotação e translação, que determinam dia e ano na Terra, nosso sistema deve manter, com base nas leis de atração, sintonia com os outros corpos de sua galáxia e do Universo, determinando, em sua órbita maior, parcelas de tempo ainda não catalogadas na Terra e que, à falta de termo próprio, estão identificadas no Evangelho como “dia”.

Para traçar os programas de evolução destinados aos seres desta e de outras casas planetárias, incluindo os processos de migração entre os vários planos habitados, os Espíritos superiores, governantes do Cosmo, tomam por base esse tempo a que Jesus fez alusão.

Nas parábolas do Juízo Final, do Festim das Bodas, da Porta Estreita, dos Trabalhadores da Última Hora e nas expressões “meia-noite” e “chegada do noivo”, Jesus faz referência aos tempos que estarão assinalando o final desse período evolutivo. Revestidas, contudo, de linguagem simbólica, acabaram abandonadas ao terreno árido da incompreensão e do abandono.

O retardamento do noivo – alusão à volta do Cristo – que deu motivo a que as noivas – símbolo da Humanidade – se entregassem ao domínio do sono, é figura que prova a evidente incredulidade das criaturas terrenas e o seu manifesto desinteresse pela evolução própria e pelos acontecimentos que vão determinar o processo seletivo terreno, que será conhecido pelo afastamento dos Espíritos compromissados com o mal ou divorciados do Cristo que, nessa ocasião, estarão se matriculando em plano inferior à Terra, já conhecido por Jesus, desde que deixou o roteiro de seu Evangelho nos caminhos saudosos da Palestina.

A luz que o combustível das virtudes alimenta se faz necessária, ainda porque a escolha do noivo guarda relação invariável ao progresso espiritual daquele que escolhe, admitindo-se que, até agora, as criaturas preferem uniões com descendências de sofrimento e remorso, à semelhança da multidão dos beneficiados do Cristo que, emprestando preferência a Barrabás, deixa que Jesus seja conduzido ao julgamento e à crucificação entre criminosos vulgares.

As cinco noivas prudentes lembram as criaturas sensatas que, de posse dos valores morais, já romperam os liames com o reinado das fantasias e das falsas aventuras da Terra, estando agora interessadas na união com Jesus, enquanto as virgens néscias simbolizam a porcentagem dos seres algemados aos

interesses transitórios do reinado terreno e das paixões, com os quais estão ainda em perfeito consórcio.

Não basta para tanto uma luz simbólica, ou de pavio seco, tão do agrado das criaturas terrenas, acomodadas ao berço do menor esforço. A união com o Cristo é a dos valores morais adquiridos na universidade das inúmeras experiências. Aqueles que não alcançaram, até agora, a riqueza moral, aqui simbolizada na luz, serão obrigados a ouvir e a cumprir a sentença: “Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”.

# 10

# Obreiros da última hora

> *O Reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada a fim de assalariar trabalhadores para sua vinha. E tendo ajustado com eles a um denário[4] por dia, mandou-os para a vinha. Saiu, novamente, à terceira hora, à hora sexta e à undécima hora e encontrou outros que, na praça, estavam desocupados e procedeu da mesma forma. Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário. Vindo os da undécima hora, recebeu, cada um deles, um denário. Ao chegarem, os da primeira hora pensaram que receberiam mais; porém, receberam um denário cada um. Por isso murmuravam contra o senhor da vinha. Mas este respondeu a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinastes comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te. Não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Tens mau olho porque sou bom? Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos.*
>
> (MATEUS, 20:1 A 16.)

O exame do texto sugere definições iniciais sobre os termos e as expressões a seguir alinhados, a fim de se obter melhor entendimento:

Reino dos céus – governo espiritual de Jesus, considerado também pai de família;

Madrugada – início de uma existência ou de um período evolutivo;

Assalariar – processo de convidar, por vias de educação moral;

Vinha – campo do mundo, onde se adquirem os valores morais;

Horas – existências ou frações de ciclos evolutivos;

Operários parados – os que já romperam compromissos com as lavouras do mal;

Cair da tarde – final de período evolutivo.

Jesus compara o Reino dos céus a um pai que, preocupado com o bem-estar dos filhos e por entender que a felicidade sem mescla e duradoura repousa no patrimônio moral, procurou-os de formas variadas e por intermédio de mensageiros, a fim de convidá-los ao trabalho de evolução espiritual, simbolizado na sua vinha.

O denário que promete pelo dia de trabalho, segundo a economia divina, compreende o teto de todas as necessidades materiais efetivas da criatura, excluído o supérfluo, por prejudicar o soldo do próximo.

À vista das diretrizes que presidem a economia terrena e conforme a presente interpretação, a parábola pode ser levada à conta de utopia. No entanto, segundo o que informa o Espírito André Luiz, é programa já implantado em regiões superiores da espiritualidade a ser estabelecido na Terra pelo afastamento dos seres egoístas e avaros e pela implantação do Evangelho no processo de educação do homem que comporá o sistema social deste milênio.

Foi sob o imperativo do sentimento de paternidade que o dono da vinha determinou que, na sua seara, todos os filhos recebessem a quantia inicialmente combinada com os que trabalharam desde o alvorecer do dia, não só por considerar as necessidades basilares comuns a todos os filhos, como também por reconhecer que, além do tempo, outros fatores determinam as medidas de qualidade e de quantidade.

Segundo a economia terrena, o servidor da última hora, trabalhando uma hora, deveria receber apenas um doze avos da moeda; entretanto, porque recebera a mesma quantia em obediência à vontade do amo, os trabalhadores da primeira hora, em condições proporcionais, e não obstante o adrede combinado[5], calculavam receber doze vezes mais.

Convém lembrar que um doze avos do denário não atenderia às exigências orgânicas do trabalhador da última hora, nem os empregados na primeira hora precisavam de doze vezes o valor daquele teto. O código que regulamenta a contabilidade terrena, responsável pelos atuais desacertos socioeconômicos, permite o prejuízo às próprias criaturas quando constroem

suas economias sob o alicerce da ambição e da avareza, porque ficam debitadas, em suas jornadas futuras, pelo que acumulam com alheio prejuízo.

Por isso, afirma-se que na Terra o problema da fome e da miséria não consiste na falta de cereais, mas na má distribuição das rendas, que se processa sob o domínio do olho do egoísmo e da ambição dos “príncipes das nações que ainda as dominam e as tratam com império”.

O denário compreende apenas a moeda mantenedora da vida orgânica, de que o Espírito se utiliza, transitoriamente, como um dos fatores da evolução.

A riqueza espiritual, objetivo das inúmeras existências e único tesouro que o Mestre recomenda acumular, por representar aquisição própria, não pode ser analisada sob o mesmo critério.

Embora recebendo apenas o denário necessário à vida orgânica, não significa prejuízo à criatura que se dedicou por maior número de horas às lides da vinha, porque é sempre creditada por suas aquisições morais, além dos bônus horas, a moeda universal e intransferível que a ferrugem não consome e o ladrão não rouba.

---

[4] N.E.: moeda de prata de maior circulação no Império Romano.

[5] N.E.: adrede combinado é o mesmo que “previamente combinado”.

# 11

# Jejum

> *Então, os discípulos de João perguntaram a Jesus: Por que jejuamos nós e os fariseus, e os teus discípulos não? Jesus respondeu: Podem os convidados jejuar enquanto o noivo está presente? Dias virão em que o noivo lhes será tirado e então jejuarão.*
>
> (MATEUS, 9:14 E 15.)

Com base nos fundamentos da Codificação Espírita, a criatura na Terra apresenta-se sob tríplice aspecto: corpo, perispírito e alma.

Por atender ao imperativo de renovação das células que o compõem, o corpo físico não dispensa o combustível diário do alimento sólido, do que, em mundos regenerados, os corpos mais rarefeitos já se afastaram, por se alimentarem pela exclusiva respiração, extraindo o nitrogênio necessário à vida, atualmente recolhido, em parte, do alimento sólido. Parodiando expressão contida no livro Gênesis, pode-se dizer: “No suor do teu rosto comerás o teu pão” (GÊNESIS, 3:19).

O perispírito, que se denomina também de corpo fluídico, igualmente necessita de alimento, obviamente compatível com a sua natureza e a evolução do Espírito. Esse conhecimento esclarece o motivo das cerimônias de oferendas ou sacrifício de animais nos segmentos religiosos mais antigos, ou os “despachos,” que compreendem permuta de favores, ainda em uso, porque determinados Espíritos, por ausência de vontade ou de compreensão, ainda se demoram sob o domínio de dependências, sejam alusivas às sensações da fome física ou às paixões de que, em processos de vampirismo, ainda se nutrem dos encarnados.

O jejum físico fazia parte da tradição dos judeus, em que algumas religiões se respaldaram na criação de suas culturas. A bem da verdade, essa prática nenhum proveito acarreta ao Espírito. Considere-se ainda o preceito do Cristo que assegura não ser o que entra pela boca que macula o homem.

Agora, o jejum do Espírito examinado sob três aspectos:

O primeiro refere-se ao alimento espiritual, de que Jesus é o despenseiro, na condição de “noivo”, enquanto os apóstolos figuram como convidados. Nenhuma criatura, em juízo perfeito, vai escolher o momento da festa – período que assinala a presença do Cristo na terra – para praticar o seu jejum. O Evangelho, significando a alma de sua doutrina, constitui o alimento do Espírito ou a “palavra que sai da boca de Deus”, do que, na ausência do Cristo, os apóstolos haveriam de jejuar.

O segundo aspecto, ainda sobre o jejum do Espírito, relaciona-se ao processo de pureza de pensamentos, a que a criatura conscientizada se impõe, não só por imperativo da evolução espiritual, como igualmente por ser um dos recursos mais eficazes nos processos de desobsessão própria ou de terceiros. É ainda a profilaxia da mente que recolhe, no oceano dos pensamentos humanos, apenas o oxigênio puro, necessário à própria vida.

Na economia dos valores espirituais, convém guardar, no alforje do coração, o alimento que se puder colher na seara do Evangelho e, se algum jejum deve ser observado, que seja o da abstenção dos pensamentos inferiores.

Finalmente, a terceira versão refere-se ao alimento que cada criatura recolhe entre os seres que respiram na mesma frequência moral e evolutiva, em que situa a fonte de sua alegria e acalenta os melhores anseios.

# 12

# Lençol

> *E um certo jovem o seguia, envolto em um lençol sobre o corpo nu. E lançaram-lhe a mão. Mas ele, largando o lençol, fugiu nu.*
>
> (MARCOS, 14:51 A 52.)

Diversas categorias de operários, adeptos e afeiçoados, destacam-se na seara do Cristo.

Definindo a primeira classe, figuram os apóstolos e os discípulos dos três primeiros séculos, que são identificados não só pelos valores morais com que curam enfermidades e expulsam Espíritos enfermos, como igualmente pela resistência que denunciam às perseguições a que o título de apóstolo os expõe. Por isso, o Senhor lhes diz*:* "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós" (JOÃO, 15:16).

O segundo grupo, ao contrário do primeiro, se reconhece pelas perseguições que movem aos que não compartilham de suas ideias, ou ainda pelo interesse às promoções inerentes ao reinado terreno. Importa recordar, como exemplo, a proposta do escriba: "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores", ao que, por reconhecer-lhe as mais ocultas ambições, responde o Mestre: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (MATEUS, 8:19 e 20).

Conquanto a notória boa vontade que demonstra ter, o terceiro bloco compõe-se de seres que revelam ausência de preparo espiritual, a exemplo do geraseno que, depois de curado, roga a Jesus que o deixe acompanhar, ao que o Senhor lhe responde: "Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve misericórdia de ti" (MARCOS, 5:19 e LUCAS, 38 e 39).

Considerado acidental, o moço do lençol, simbolicamente, constitui o bloco dos que, por curiosidade, se aproximam do Mestre sem qualquer compromisso com a Doutrina e sem propósito de figurar do quadro de seguidores, até porque o prepotente reinado terreno não desculpa qualquer sinal que recorde o Senhor, duvidando até dos que se ocultam em véus ou lençóis simbólicos. A própria estátua do Cristo crucificado constitui-se de advertência àqueles que duvidam do seu poder.

Confundido talvez com algum seguidor do Cristo, no momento de sua prisão, o moço vem a ser seguro por mãos estranhas, das quais se liberta imediatamente, deixando o lençol e fugindo desnudo.

Por comparecer ao lado do celeste Enviado, ainda que por equívoco ou curiosidade, o homem do lençol denuncia os elevados tributos exigidos pelo reinado terreno, admitindo, igualmente, não ter vocação para mártir.

Noutra versão, o lençol simboliza o véu das aparências, máscaras que se afixam no rosto, ou roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores, aparentando virtudes que não tem, disfarce que, eventualmente, pode ser retirado, dando motivo à advertência de Jesus para que os apóstolos se libertem de capas que recordem máscaras ou lençóis (LUCAS, 22:36).

Enquanto Herodes manda vestir o Senhor da aparatosa roupa que recorda o manto da própria alma, as religiões convencionais, no extenso lençol composto pelos sacramentos, liturgias e dogmas, por seguidos séculos se vestem, por ocultar a nudez das verdades espirituais.

Tecido com o luminoso fio da moral e da imortalidade do Espírito, o Cristianismo traduz o sagrado manto do Cristo, sem costura, tecido de alto a baixo, ou o seu reinado espiritual eterno, que, apesar da intenção das autoridades religiosas, não seria destruído a despeito da lição do calvário.

# 13

# Tentação

> *Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam.*
>
> (MATEUS, 4:1 A 11.)

O venerando Espírito Emmanuel, examinando o texto sobre a tentação, diz:

> Origem da tentação, a concupiscência[6] constitui o fundo viciado e perverso da natureza humana primitivista. Ser tentado é ouvir a malícia própria ou abrigar os inferiores alvitres de si mesmo.[7]

Admitido por Criador e Diretor do Sistema Solar, o Senhor não poderia abrigar qualquer imperfeição, dando margem a ser tentado, sendo, pois, razoável

entender a narrativa sobre a tentação, em sentido comparativo às imperfeições do homem, ou tentativa dos tradutores de compará-lo ao ser humano.

Na condição de Criador e Diretor do Sistema Solar, seria ironia o Senhor ser tentado a possuir uma fração mínima e transitória do que, em verdade, lhe pertence por toda eternidade.

Ausência de valores morais no mundo íntimo dos seres terrenos traduz uma versão do deserto, que dá motivo à consequente fome, compreendida por anseio de posse às economias físicas a que, por atraso espiritual, os seres ainda permanecem submissos.

Noutra versão, o deserto também compreende sinônimo da vida espiritual, para cujos habitantes, por princípio de coerência, o Cristo também consagrou sua orientação, admitindo-se viver, simultaneamente, as duas dimensões, o que, para o médium Chico Xavier, se tornou comum.

Emblema do tempo que assinala sua presença neste plano, nos 40 dias e nas 40 noites de sua vida, paralelamente, o Cristo viveu também o deserto compreendido pelo mundo extrafísico, o que destaca por conversar com um tentador desencarnado que lhe propõe antecipar a multiplicação de pães que sabia constar da pauta de sua breve visita a este orbe.

À semelhança dos obsessores dos gadarenos,[8] que se submetem à autoridade do Cristo, a quem chamam por Filho do Deus Altíssimo, o atual maligno, mais compreensivo do que Anás e Caifás – os tentadores encarnados –, pretende também estadear o efêmero e falso poder que exerce, por mostrar-lhes os reinados do mundo, o que mais tarde Pilatos também ostenta ao dizer a Jesus que tinha autoridade para prendê-lo ou para soltá-lo, ao que o Senhor lhe responde: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado” (JOÃO, 19:11).

A narrativa não faz referência a montanhas físicas, de onde se localizam os reinados terrenos e suas respectivas glórias, mas à imaginação das criaturas, no domínio das fantasias e da própria ambição.

Os anseios e as criações mentais, por meio de linhas ocultas, elegem os parceiros espirituais que sustentam os sonhos e as fantasias, permitindo que se viaje, nas asas da imaginação, aos pontos mais altos, onde se gostaria de instalar, em definitivo, os tronos da ilusão.

Consideradas as ondas de idêntica frequência em que se envolvem, os “tentados” registram as sugestões que lhes exploram os campos vulneráveis da própria ambição, acenando-lhes com possibilidades de enriquecimento fácil ou de acesso aos mais significativos degraus do poder, ou sugerindo, no terreno das emoções, as fantasias que vão alimentar as telas da própria imaginação, com o que sustentam vínculos no capítulo do vampirismo.

Convém, pois, examinar a natureza dos desejos ou da “fome” que se experimenta. Se estiver relacionada exclusivamente à posse dos bens transitórios, às aventuras no campo dos sentidos ou à alimentação das dependências, é possível que se encontre ainda no “deserto”, sob o império dos tentadores. Esses seres podem ser os adversários espirituais do pretérito que elaboram ocultamente planos de desforra – precedidos de aparentes sucessos – como pode ser igualmente o Espírito infeliz que respira no mesmo campo das ambições e dos desejos ou no domínio das paixões e dependências em que a criatura se situa.

Os desejos de cada ser revelam a evolução espiritual e a natureza dos Espíritos com os quais caminha. Ninguém está só. Cada um é tentado em sua própria concupiscência, afirmava o apóstolo Tiago, e o Cristo nada tinha em que ser tentado.

O mundo íntimo pode traduzir, pois, o “deserto”, dando origem à “fome” que corresponde, invariavelmente, às maiores aspirações do homem. Para atendê-las, não raro, compromete o futuro espiritual, não só pelos escusos meios que elege para satisfazê-las, como também pelos consórcios que estabelece com os “tentadores” inescrupulosos, encarnados e desencarnados, num símbolo de venda da alma ao “diabo”, por se esquecer de que “nem só de pão vive o homem”.

---

[6] Nota do autor: cobiça de bens materiais.

[7] XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*, cap. 129, 2006.

[8] N.E.: gadareno é a pessoa nascida em Gadara, cidade próxima ao mar da Galileia. Ver MARCOS 5:1 a 6; MATEUS 8:28.

# 14

# Multiplicação de pães

> *E, sendo chegada a tarde, os seus discípulos aproximaram-se dele, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já avançada; despede a multidão, para que vão pelas aldeias, e comprem comida para si. Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão; dai-lhes vós de comer. Então eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. E ele disse: Trazei-mos aqui. E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram dos pedaços, que sobejaram, doze alcofas cheias. E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.*
>
> (MATEUS, 14:15 A 21.)

Admitido na condição de Espírito puro e dirigente de todos os fenômenos do Sistema Solar,[9] justo admitir nas mãos do Cristo os recursos necessários à formação do alimento físico, móvel das maiores preocupações dos seres terrenos.

Convém reconhecer que a maior preocupação do Cristo compreende o alimento do Espírito, o que prova a seguinte afirmativa:

> Vós me procurais, não porque vistes os sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna (JOÃO, 6:26 e 27).

Os apóstolos, no entanto, demonstrando manifesta preocupação com a multidão carente, rogam a Jesus que a despeça, a fim de que encontre alimento

nas aldeias vizinhas, ao que o Senhor responde: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

Com breve resposta, Jesus ensina que, nas tarefas do bem, ninguém deve ser encaminhado à porta alheia ou despedido sem atendimento, esclarecendo que a ausência de recursos materiais não deve constituir obstáculo às atividades de sua seara. Importa dizer, ainda, que o mínimo, colocado nas mãos de Jesus, será multiplicado em benefício de todos, pelo domínio que tem sobre as leis que presidem o mundo orgânico, além de conhecer igualmente o mérito de cada criatura, na escala dos valores morais.

No âmbito da economia terrena, o homem já conhece o processo da multiplicação do alimento físico. A divisão, todavia, ainda é lição por ele ignorada, por submisso ao imperativo da ambição e do egoísmo.

O gesto simples de partir o pão e dividi-lo, fraternalmente, com as criaturas é lição imorredoura com que o Cristo se identifica em Emaús, após a crucificação, e pela qual se reconhecem ainda seus verdadeiros discípulos.

A par da multiplicação e da divisão, Jesus ainda ensina que nada se perca, recomendando aos apóstolos que, depois de o povo farto, recolhessem a sobra, porque o que se perde, por negligência, ignorância e irresponsabilidade, constitui falta, considerando os seres que padecem largamente os flagelos da miséria e da fome.

No que concerne ao alimento espiritual, a divulgação da Doutrina de Jesus, à luz da Codificação, representa não só o celeiro farto nos dias presentes, como a preservação das sementes que constituirão as lavouras do porvir. Que nada se perca também nesse terreno.

Simbolizados nos doze cestos que sobejaram, Jesus confiou aos apóstolos não só a tarefa da distribuição dos pães por ele multiplicados, como também a responsabilidade por sua preservação.

Os apóstolos são, por isso, considerados por Jesus o sal da terra, porque, além de o sal conferir melhor sabor ao alimento, tem igualmente a propriedade de preservar-lhe os valores.

---

[9] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006.

# 15

# Cego de Siloé

> *Caminhando, Jesus viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais, mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus. Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai lavar-te no tanque de Siloé. Ele foi, lavou-se e voltou vendo.*
>
> (JOÃO, 9:1 A 7.)

O sofrimento, segundo as doutrinas tradicionais, compreende sempre fruto do acaso ou, no máximo, recorda pecados dos ascendentes. No entanto, a Doutrina Codificada, com base no processo de evolução e nas leis de reparação, o analisa na seguinte escala: evolução, prova, expiação e sublimação.

A despeito, porém, da classificação que se lhe atribui, todo sofrimento compreende fator evolutivo, quer nas espécies irracionais, onde se manifesta exclusivamente na dor física, quer nas criaturas humanas em regime de provas e expiações, ou ainda nos seres mais evoluídos, isentos de compromissos no tribunal da consciência.

Importante recordar o final do primeiro mandamento do Decálogo mosaico (ÊXODO, 20:5 e 6): “Porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam”.

A equivocada tradução “até a”, imposta por doutrinas convencionais, determinando aos descendentes a reparação das faltas dos ancestrais,

compreenderia medida injusta de Deus, por transferir ao filho e ao neto a responsabilidade assumida pelos ancestrais.

Substituindo, porém, a preposição e o artigo anteriores pela construção “na”, a reparação, exigida do próprio autor do erro, tem início na terceira ou na quarta geração, por ser o tempo necessário ao seu retorno ao cenário terreno, normalmente no meio da família onde faliu e com quem guarda compromisso. O filho não paga pelo pecado do pai nem o bisneto pelo pecado do bisavô, segundo as convenientes interpretações que deram motivo às retificações de Moisés (DEUTERONÔMIO, 24:16), confirmadas, mais tarde, por Ezequiel (cap. 18, 1 a 4), deixando transparente o pensamento expresso no Decálogo, de que cada criatura responde pelas próprias imperfeições na terceira ou na quarta geração.

Na cura do paralítico de Betesda, por isso, Jesus orienta: “Não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior” JOÃO, 5:14). Ao paralítico de Cafarnaum, no entanto, informa: “Filho, tem bom ânimo, perdoados te são os teus pecados” (MATEUS, 9:2), o que se traduz por “quitados” ou “terminados”.

Nos dois casos, porém, fica evidente que a enfermidade tivera origem em faltas pretéritas, que o segundo já havia reparado e, para as quais, o primeiro ainda guardava manifestas inclinações, dando motivo à observação de Jesus, porque sempre conhece o ponto frágil ou a face obscura da personalidade humana.

Por força da lei que dá origem ao sofrimento, a cura somente é concedida aos que alcançam o mérito necessário, pelas vias da reparação e da reforma íntima, porque se liberam das sentenças inscritas nas páginas da própria consciência.

Há que reconhecer, contudo, a presença na Terra de seres nobres, isentos de culpa, à semelhança dos apóstolos, que anotam experiências amargas, com o objetivo de auxiliarem o processo de evolução coletiva ou de entes que permanecem à retaguarda na senda evolutiva. Na condição, pois, de missionários, o sofrimento deve ser entendido por sublimação.

Nesse campo, diversos Espíritos podem ser encontrados à semelhança do cego de Siloé, a quem Jesus devolve a vista física depois de obtida visão espiritual. Isento, pois, da culpa, que dá origem à reparação, e porque não se admite que ninguém responda pelo pecado alheio, o sofrimento do cego de Siloé deve ser traduzido por sublimação porque, além de facultar a aquisição de novos

valores, como paciência e resignação, denuncia condições adequadas para o Cristo manifestar as obras de Deus.

A parábola ainda diz que Jesus, para tanto, fez lodo com saliva, colocou-o nos olhos do cego, determinando que se lavasse no tanque de Siloé.

Se, no processo de criação do homem (GÊNESIS, 2:7), Deus teria criado Adão com o lodo da terra, nesta parábola, o lodo, simbolicamente, compreende o corpo físico, enquanto o tanque compreende a existência terrena, onde o Espírito, ainda cego de entendimento espiritual, por inúmeras vezes desce para lavar-se da cegueira da ignorância, de onde regressa enxergando, mercê da saliva, que representa a palavra ou a doutrina de Jesus.

Emblema da lição, as frequentes descidas aos poços da encarnação, sob a orientação do Evangelho, devem constituir o processo mais adequado à cura da cegueira espiritual das criaturas humanas.

# 16

# Alforje e espada

> *Depois ajuntou: Quando vos mandei sem calçado, sem cajado ou sem alforje, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada, Senhor. Mas agora, disse-lhes ele, aquele que tem alforje tome-o, e aquele que não tiver uma espada disponha de sua capa e adquira uma.*
> (LUCAS, 22:35 E 36.)

Assegurava Jesus aos apóstolos que o pão e a veste, o alforje e o cajado, o ouro ou a prata não deveriam constituir motivo de maior preocupação nas tarefas que lhes confiava, esclarecendo ser o trabalhador digno de seu salário.

Obedientes às orientações do Senhor, a escassez das provisões ou a falta do abrigo onde dariam repouso aos corpos cansados não constituíram obstáculo às atividades messiânicas. Deixando cidades ou aldeias, jamais pensaram em sacudir a poeira dos pés, porque, além dos corações amigos que lhes emprestavam abrigo, mantinham-se imunizados, pelo perdão incondicional, contra o vírus da incompreensão dos que se opunham à doutrina do Cristo.

No entanto, momentos antes da prisão, o Mestre recomenda aos apóstolos a importância de se munirem de alforje e de espada, com o que se libertariam da capa. Demonstrando não haverem entendido a simbólica lição, os discípulos lhe entregaram duas espadas, pelo que lhes disse: “Basta”.

Outras vias facultariam, sem demora, a compreensão desejada.

Com a voz de prisão, uma das espadas vem a ser utilizada por PEDRO, dando motivo à inolvidável lição: “Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão” (MATEUS, 26:52).

Enquanto a espada, na Terra, representa a defesa da criatura contra o adversário externo, a conscientização do Evangelho vem a ser a arma na defesa contra as imperfeições próprias, únicos inimigos que conduzem o Espírito, pelas vias do erro, às geenas[10] do remorso e aos capítulos da reparação.

Igualmente, o alforje a que, simbolicamente, Jesus se refere não compreende a mochila que transporta o alimento físico, mas o bornal do coração onde se recolhem as provisões do Espírito.

Resumindo, pode-se dizer que a conscientização evangélica e a aquisição dos valores morais constituem, respectivamente, a espada e o alforje, com os quais o Espírito se liberta facilmente da capa das aparências, de que os apóstolos já se haviam afastado.

---

[10] Nota do autor: *geena* vem do latim eclesiástico e significa local de suplício eterno pelo fogo, lugar de tortura, inferno; por extensão de sentido, significa sofrimento intenso, tormento, tortura.

# 17

# Passe

*E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Fica limpo.*

(MATEUS, 8:3.)

Exercido por Jesus e largamente usado no plano espiritual, o passe constitui terapêutica para o espírito, perispírito e corpo.

Convém lembrar as curas efetuadas pelo Cristo, às vezes com a simples imposição das mãos e, noutras ocasiões, sentindo “sair de si uma virtude”, como no caso da mulher hemorroíssa.[11]

Instruindo os apóstolos a que fossem curar os enfermos, expulsar os demônios e ressuscitar os mortos, dando de graça o que de graça recebessem, o passe institui-se por doutrina de amor legada por Jesus à Humanidade.

Não foi, todavia, sem experiências ou aprendizado evangélico que os apóstolos alcançaram êxito nos trabalhos. “Por que não pudemos expulsar esse demônio?” é a pergunta por eles endereçada ao Mestre na cura do moço lunático, quando foram esclarecidos que, além da fé conscientizada, alguns processos de desobsessão só se alcançam mediante a oração sincera e o jejum espiritual, que consiste no cultivo de pensamentos elevados.

Se Jesus apenas promete alívio aos aflitos e sobrecarregados que convida para segui-lo, forçoso entender que a cura de cada enfermidade guarda relação à redução do débito espiritual, a ser obtida no terreno áspero da dor ou na lavoura suave do bem, além da reforma íntima que consegue mediante a conscientização doutrinária, porque todo processo de dor guarda raízes nas faltas cometidas ou nas próprias imperfeições.

Acreditar que atos litúrgicos ou encenações convencionais ganhem foros de terapêutica é desconhecer a Justiça divina, que preside o destino de todos os seres. Para erradicar a dor, importa não olvidar o resgate imposto pela consciência, além da orientação facultada pelo Evangelho.

Por não se constituir de atividade profissional, o passe, na orientação espírita, dispensa todas as manifestações que recordam técnicas acadêmicas, ainda que a pretexto de se alcançarem os chamados centros de força ou plexos, recordando tão somente os valores morais que o passista deve cultivar e o elevado propósito de servir que deve constituir-se de bússola no trabalho, lembrando com o apóstolo Tiago que “muito vale a oração do justo”.

Há que se combater, mediante acurado estudo dos postulados kardequianos, o atavismo trasladado de outras seitas, evitando que a Codificação venha a se constituir em mero seguimento ecumênico ou em colcha de retalhos de pretéritas culturas. O passe deve ser cultivado com a simplicidade ensinada por Jesus, recordando que a compreensiva orientação que deve preceder as nobres lides não deve se transformar na exigência de “cursos”, que venham a exigir a obrigatoriedade de diplomas acadêmicos, por se considerar que as benesses obtidas, sem desprezar os valores morais do passista, correspondem ao mérito espiritual do paciente, razão por que os apóstolos não puderam curar o moço epiléptico.

Finalmente, entenda-se o passe na sua manifestação mais simples e mais autêntica, atentos ao preceito de Jesus de que tudo o que o homem pedir pela oração sincera ele obterá.

---

[11] Nota do autor: segundo o Evangelho, mulher que foi curada de um fluxo de sangue constante ao tocar a túnica de Cristo.

# 18

# Fé

> *Em verdade, vos digo, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para ali, e nada vos será impossível.*
>
> (MATEUS, 17:20.)

Após a cura do moço lunático, os discípulos perguntaram: “Por que, Senhor, não pudemos expulsar o demônio?” Respondeu-lhes Jesus*:* “Por ausência de fé. Mas esta casta de demônios só se expele mediante oração e jejum” (MATEUS, 17:20).

A fé não é mera manifestação pública de religiosidade, nem se mede pela quantidade de rezas que, ao contrário, denunciam ausência de fé, conquanto orar sempre compreenda atestado de confiança.

A fé vem a ser o resultado dos méritos alcançados no campo da reparação e do resgate, bem como das qualidades morais que o sofrimento faculta ou que se adquirem sob a orientação da bússola evangélica.

Se o sofrimento tem raízes no erro por força da lei que lhe deu origem, a saúde e a paz decorrem da reparação, em cujo processo se incluem os méritos alcançados na lavoura do bem, constituindo ambos a fonte da fé de que a criatura necessita para vencer as dificuldades e os compromissos constantes das páginas da existência.

O Cristo não tinha por hábito prometer a cura, mas somente o alívio aos que o buscavam, porque, enquanto perduram o débito e as imperfeições morais, não existe na criatura a fonte da fé em benefício da saúde própria. Eis por que Jesus atribuía a cura que realizava à fé do paciente ou ao mérito espiritual por ele alcançado.

No processo de desobsessão, para o que não se pode olvidar o tempo e a perseverança, por não se conhecerem o montante da dívida e o equilíbrio moral alcançado pelos protagonistas – paciente e obsessor – além de outros recursos, Jesus recomenda a oração sincera, além do jejum espiritual, que consiste na educação dos pensamentos.

Com esses recursos, aliados à disciplina imposta pela dor, as algemas do ódio se desatam lentamente, ensejando a libertação de ambos para escolherem novos rumos na senda do progresso.

No restabelecimento à saúde do moço lunático, a falta de fé dos apóstolos, na condição de agentes ou intermediários, significa ausência de mérito espiritual do paciente no quadro da dívida assumida. Neste caso, somente autoridade maior pode decidir sobre o simples alívio ou a cura total, contabilizada em forma de adiantamento, do que a criatura deverá prestar contas, como de todos os patrimônios que, adiantadamente, recebe no caminho da evolução.

Cada drama ou cada processo de dor guarda uma lauda de débitos, resgates e reajustes morais que, após examinada pelos mentores, decide quanto à cura ou somente ao alívio do sofrimento, ou ainda dilatando experiências físicas, dando origem à fé, que se define como certeza na obtenção de determinada coisa, porque procede de uma situação moral íntima da criatura diante dos códigos divinos, também gravados nas páginas da consciência.

# 19

# Oração

> *Por isso vos digo que todas as coisas que pedirdes, orando, crede receber, e tê-las-eis.*
>
> (MARCOS, 11:24.)

Inúmeras criaturas abandonam os sublimes benefícios da oração, alegando desilusões quanto à sua eficácia, pela ausência de resposta satisfatória aos pedidos que fazem.

Admitida a prece por diálogo ou comunhão íntima da criatura com os seres do Além, entre os quais mentores e Espíritos familiares, além da comunicação que enseja, a oração constitui forma de alimento espiritual, não significando apenas fator de pedido espiritual.

Contudo, se a prece tem por finalidade um pedido, compreende-se examinado, espiritualmente, sob três aspectos: quanto ao modo, por pensamentos, palavras e ações; quanto ao tempo, os pedidos do pretérito – existências anteriores – e os pedidos atuais; e quanto ao atendimento, em curto, médio ou longo prazo, considerando a necessidade e os méritos reais de cada ser no quadro dos valores espirituais.

Se a pauta da vida atual se respalda nas ações do pretérito, entende-se por que os pedidos de hoje, sem o crédito das boas ações, não podem modificar, aleatoriamente, as diretrizes adrede estudadas no Plano Maior, que determinam a terapêutica tantas vezes amarga dos dias presentes.

Os bons pensamentos e as boas ações, no entanto, amenizando o existente carma, também facultam as respostas agradáveis do porvir, porque o amor, edificado no alicerce da caridade, da renúncia e do sacrifício, constitui crédito que cobre a multidão dos pecados.

Unicamente a reencarnação e a lei de causa e efeito esclarecem as questões do destino e da dor, bem como as respostas do Alto que, tantas vezes, parecem divergir do que se pede nas orações. Os espinhos que despontam no lugar das flores com que se sonha, a dor que surge, à feição de medicina celestial, e o elixir amargo dos problemas diversos que aparecem à guisa de lição santificante ensejam a crença no provérbio, segundo o qual quanto mais se reza, mais assombração aparece.

De outras vezes, é a saúde e a paz que retardam à messe de hoje, pela preferência que se empresta, intimamente, à lavoura do joio, cultivando sentimentos inferiores ao lado das inúmeras orações que profere.

Cada ser encontra a resposta certa ao que efetivamente pede às Leis divinas, principalmente em forma de ações e pensamentos. O pai não dá pedra ao filho que lhe pede pão. Mas como encontrar pão farto quem apenas distribui pedras?

É da lei que toda ação produz reação igual e em sentido contrário. Por isso, convém analisar a natureza do que hoje se pede por ações e pensamentos, o que forçosamente estará determinando os sonhos ou os pesadelos às noites do porvir.

“A cada um, segundo suas obras”, afirma o Evangelho do Mestre.

A prece não tem por finalidade modificar o roteiro já descrito na espiritualidade, com base na sementeira pretérita e com vistas à redenção futura. No entanto, é a oração simples e sincera, sem retórica ou atavios, ensinada e exemplificada por Jesus, que sugere disposição, coragem e bom ânimo, diante do calvário a subir e da cruz da vida terrena a ser transportada.

# 20

# Bodas de Caná

> *E foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas. E, faltando vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser. E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam dois ou três almudes. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. E disse-lhes: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E levaram.*
>
> (JOÃO, 2:2 A 10.)

O uso de bebidas alcoólicas, cuja origem perde-se nos dias mais recuados, não encontra endosso no Cristo, por ter transformado água em bebida saudável nas bodas de Caná.

Mesmo que a água houvesse adquirido o colorido e o sabor próprios do vinho, a essência e o efeito naturalmente devem ter sido diferentes, considerando a missão do Mestre, sempre relacionada aos valores do espírito.

O texto, todavia, sugere a autoridade do Cristo que, manipulando o fluido universal, pôde conferir colorido e gosto à água, assegurando aos convidados saúde e bem-estar.

Em verdade, as exigências da vida orgânica compreendem o “resto” que o Senhor promete aos que, em primeiro lugar, emprestam preferência ao Reino dos céus.

Sua missão, no entanto, constitui-se da educação que sugere aos hábitos dos seres terrenos, por compreenderem que o melhor alimento consiste em fazer a vontade do Pai celestial (JOÃO, 4:34).

Por isso, assegura aos apóstolos que o pão, a água e a veste não deviam sugerir-lhes preocupação, considerando ser o trabalhador digno de seu salário.

Procurando reforçar a confiança dos apóstolos, por duas vezes multiplica pães e peixes, saciando a fome a milhares de pessoas.

Não se olvide, contudo, que o profeta Elias também multiplicou farinha e azeite para a viúva de Serepta, enquanto Eliseu multiplicou azeite para libertar um órfão da escravidão, além de alimentar, com sobra, cem pessoas com vinte pães.

No presente ágape, devem ser ressaltadas as palavras de sua mãe aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

Considerada também mediúnica, a orientação de Maria não se refere apenas às talhas a serem cheias de água, mas ao apreço que os seres terrenos deveriam sugerir à palavra do Senhor. Se os homens fizessem tudo o que o Evangelho recomenda – compreendendo a mensagem de Maria – para a felicidade de todos os seres, o reinado de Jesus já estaria implantado na Terra.

# 21

# Mercadores expulsos

> *E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.*
>
> (MATEUS, 21:12.)

No domínio das letras ou das imagens, os seres terrenos apresentam Jesus na mesma escala evolutiva a que se situam, denunciando desequilíbrios emocionais, empunhando azorrague ou derrubando mesas dos cambistas.

Semelhante compreensão, no entanto, denuncia apenas o gráfico dos valores morais íntimos de seus autores, de cujo quadro recolhem apenas o que convém aos particulares interesses, emprestando interpretação própria ou convencional ao que veem e ao que ouvem, de acordo com o que diz o profeta: “Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis” (ISAÍAS, 6:10).

Importa admitir que, sendo Jesus a fonte inesgotável da bondade e do Amor universal, Dele não se devem admitir gestos que denunciem violência ou que, de sua boca proceda palavra torpe, ou ainda que seja visto evocando piedade diante da cruz.

Admitida por metáfora, é possível emprestar melhor compreensão à frase, por modificar o significado atribuído aos verbos “expulsar” e “derrubar”, e porque Jesus diz ter vencido o mundo, se foi crucificado (JOÃO, 16:33).

A profecia de Isaías também se refere, simbolicamente, aos caminhos que o precursor deveria preparar para o Senhor, traduzidos, espiritualmente, por compreensão evangélica a ser facultada aos pacientes do batismo do arrependimento, ironicamente, ainda interpretados, por estradas de terra.

Procurando ocultar a verdade, o homem confere ilações invertidas às lições do Evangelho, propondo o campo da simbologia para a moral e para as boas ações e atribuindo objetividade ao que deve figurar no campo da metáfora e da simbologia.

Com a arma da moral e do esclarecimento, simbolicamente, Jesus derruba as mesas dos cambistas, ferindo de morte o comércio realizado no templo, pelo menos temporariamente.

Enquanto Ananias, com a oração, retira as escamas fluídicas dos olhos de Saulo, somente o juízo final afastará as escamas do orgulho e dos interesses próprios que cobrem a visão espiritual do ser terreno.

A luz própria, por exemplo, que se alimenta do combustível da virtude, foi substituída por luzes artificiais de candelabros ou de velas. O alimento espiritual, mencionado pelo Cristo, foi convertido na hóstia, enquanto a pureza de coração vem a ser obtida pela unção. Igualmente, o perdão, por se olvidarem os direitos alheios, vem de ser obtido mediante o dízimo ou pela confissão, em desacordo com os parágrafos de justiça espiritual ou terrena.

Traduzidos por raízes destinadas à coivara, ou por remendos de pano velho, os emblemas das seitas convencionais permanecem de mãos dadas com o homem, ainda que migrando para campo religioso deferente.

Por admitir versões diferentes à imortalidade do Espírito, à reencarnação e à Justiça Divina e por condenar a mediunidade, simbolicamente, o império terreno fere de morte o Cristianismo, depois da crucificação imposta a Jesus.

Transformar os valores morais e a iluminação íntima em simbologia é admitir igualmente um céu simbólico, conquanto repleto de pesadelos, denunciando reparação e calvário, a única terapêutica que apaga as cenas do mal arquivadas na consciência.

# 22

# Sodoma

> *Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito [...].*
>
> (GÊNESIS, 18:20.)

Quando os anjos anunciaram a Abraão o nascimento de seu filho Isaque, informaram também que estavam se dirigindo a Sodoma e a Gomorra,[12] que seriam destruídas em virtude das imperfeições morais de seus habitantes.

Preocupado com a informação dos anjos, Abraão perguntou se fariam o justo perecer com o ímpio, porque talvez houvesse na cidade cinquenta justos. “Perdoaremos a cidade”, responderam os anjos, “em atenção aos justos”. O patriarca ainda ponderou que poderia haver menor número de seres retos, levando-o a perguntar o que aconteceria se fossem encontrados, na cidade, apenas dez, ao que os anjos responderam que perdoariam a cidade por amor aos dez justos que ali vivessem.

Em Sodoma, todavia, não existiam dez pessoas nessa condição. Justo, somente Ló. Por isso, os anjos dirigiram-se a ele e o convidaram a deixar a cidade, a fim de não ser alcançado pelo fogo.

Deixou Ló a cidade, acompanhado de duas filhas e de sua mulher que, duvidando do que os anjos disseram, olhou para trás, ficando convertida, segundo a descrição bíblica, numa estátua de sal.

Olhar à retaguarda é manter vínculos de qualquer natureza com o passado, sendo, por isso, emblema dos seres que estão ligados aos interesses transitórios do pretérito ou algemados ao campo das paixões e das dependências

de que se tornaram escravos, ou ainda porque mantêm compromissos que dependem de resgate.

Desinteressados, não raro, do progresso e do futuro, no qual não estão dispostos a acreditar, porque igualmente seriam constrangidos a uma mudança de conduta que ainda não lhes interessa, conservam-se indiferentes quanto à caminhada evolutiva.

Ló teve, pois, de caminhar com as filhas, deixando atrás a esposa, que se convertera no símbolo da incredulidade. Igualmente, na senda da evolução, Espíritos superiores são forçados a deixar à retaguarda do progresso parentes e amigos escravizados ainda aos interesses transitórios ou às paixões que livremente escolhem.

Sodoma e Gomorra foram destruídas possivelmente pela erupção de algum vulcão, onde seus habitantes pereceram sob as cinzas. Da mesma forma, Herculanum e Pompeia[13], no ano 79 d.C., foram destruídas pelo Vesúvio, que deixou, sob as lavas, os corpos petrificados dos que ali habitavam.

Os anjos não podem impedir a erupção de um vulcão, mas sabem, com antecedência, quando o fenômeno ocorrerá. Deixam, no entanto, que as criaturas, guiadas pela lei de resgate, dirijam-se para locais estratégicos, inclusive no processo reencarnatório, em que são surpreendidas pelos fenômenos da Natureza que as auxiliam no processo de evolução espiritual, por se dispensarem os humanos instrumentos.

Não é, pois, o Cristo quem castiga a criatura, mas a própria consciência, que, lavrando a sentença, aguarda as condições adequadas à reparação.

Convém lembrar, ainda, que as Leis divinas, inscritas nas laudas da consciência de cada ser, não permitiriam o sofrimento à criatura do pretérito por uma falta de que outra pessoa, portadora hoje de maior discernimento, estaria isenta em desacordo com os princípios de responsabilidade, segundo os quais muito se pedirá ao que muito recebeu.

Impossível admitir, pois, que a moral preceituada no Evangelho, com base na cultura instituída na atualidade, mude sua definição de conformidade com o tempo, nem que o Cristo venha a regular o conceito das Leis divinas ao imperativo dos interesses mesquinhos das criaturas desta geração, porque elas passarão como o Céu e a Terra, no dizer do Mestre, mas suas palavras, como ele, permanecerão.

Se à época de Sodoma e Pompeia milhares de corpos ficaram sob as cinzas, a fim de que a dor coletiva auxiliasse no processo de evolução moral, do mesmo modo, os clamores que hoje alcançam os Céus estarão determinando os processos de sofrimento, individual ou coletivo, que diariamente alcançam o homem, a fim de conduzi-lo à senda da perfeição.

---

[12] N.E.: segundo estimativas de pesquisadores, Sodoma e Gomorra eram duas cidades que se situavam nas vizinhanças do Mar Morto, nos sítios arqueológicos de Bâb ed-Dhra e Numeira.

[13] Nota do autor: foi uma cidade do Império Romano situada a 22 quilômetros da cidade de Nápoles, na Itália, no território do atual município de Pompeia. A antiga cidade foi destruída durante uma grande erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., que provocou uma intensa chuva de cinzas que sepultou completamente a cidade. Ela se manteve oculta por 1600 anos até ser reencontrada em 1749. Herculanum era vizinha a Pompeia e também foi destruída pelo Vesúvio nessa erupção de 79 d.C.

# 23

# Torre de Babel

> *[...] Edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, [...] para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. [...] E o Senhor disse: [...] desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel.*
>
> (Gênesis, 11:4 a 9.)

Referência a um tratado de paz que pudesse reunir todas as nações e povos, a torre constituiu-se de proposta de elevada significação que, surgindo entre as civilizações mais antigas, como anseio do homem, não conseguiu ainda se concretizar na Terra, em face dos diversos idiomas da imperfeição humana, denominados egoísmo, ambição, despotismo e crueldade. Essas mazelas morais constituem ainda o grande obstáculo à instalação definitiva do reinado de paz e de união entre os povos, cuja torre simbólica teve sua construção interrompida, por ausência do alicerce dos valores morais do homem, célula viva do organismo social.

Apesar dos diversos tratados de paz e da constituição de organismos internacionais, a guerra, a fome e a insatisfação, como se naturais, continuam permanentes em quase todas as regiões do planeta, porque alimentadas pela prepotência de determinadas nações, que mantêm o propósito de dominar e escravizar os povos mais fracos da Terra. O cenário terreno sofreu, segundo Emmanuel, modificações físicas, mas os Espíritos, como atores, permanecem os mesmos.

Com os recursos habilmente usurpados de povos economicamente mais fracos, constrói-se poderoso arsenal bélico, com que os intimida e, como legítimos anticristos, os ditadores e opressores de todos os tempos prosseguem seus reinados de prepotência e de miséria a que, milenarmente, estão condicionados.

As indústrias bélicas das nações mais ricas atingem, atualmente, culminância imprevista e, apesar dos justos anseios de liberdade e de paz, a Terra continua a ser palco de opressão dos magnatas da economia e do poder em nome de uma falsa democracia que estabelece direitos para ricos inescrupulosos e pesadas obrigações para as classes mais desfavorecidas, fartas de promessas de seus representantes, os políticos ou fariseus de todos os tempos.

Como alusão a um organismo social que venha a sustentar a paz de todos os povos, com base em seus direitos e nas Leis divinas, é proposta que, embora iniciada com a Codificação Espírita, só poderá ser concluída após a seleção dos - Espíritos aqui matriculados, já programada para o presente século, porque terá, como alicerce, a conscientização de todos no Evangelho de Jesus, com observação rigorosa dos parágrafos de respeito e fraternidade.

Nessa época não distante, ainda que a cultura religiosa de cada ser não enseje idênticas interpretações, os povos terrenos, reconhecendo no orgulho, no egoísmo e na prepotência a origem das separações e das discriminações econômicas e religiosas, estarão constituindo um só rebanho e uma só família, por se respaldarem no respeito e no amor ao próximo.

As construções que têm por base os idiomas da ambição e da prepotência, à semelhança da Torre de Babel, nunca alcançarão o Céu, porque pertencem ao reinado terreno.

Somente com a linguagem universal do respeito e da fraternidade, que desde já deve ser exercitada, será possível a edificação tão sonhada em todos os tempos, que unirá todos os povos terrenos aos que já residem nos planos superiores, ligando, pois, a Terra ao Reino luminoso do Céu.

# 24

# A mulher cananeia

> *E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me! Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então respondeu Jesus, e disse-lhe: O mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã.*
>
> (MATEUS, 15:22 A 28.)

Por traduzirem lições de compreensivo interesse, atendimentos individuais do Cristo se destacam além dos que, coletivamente, sugerem às multidões de enfermos de origens diversas, sempre examinados pelo homem sob a métrica da própria evolução moral.

Individual ou coletivo, cada atendimento revela ensino que, analisado à luz da razão evangélica, ainda que por linhas adversas, denuncia sempre o elevado pensamento do Cristo, a despeito da acanhada visão humana.

Descobrir, na presente lição, ofensa nas palavras que Jesus endereça à mulher cananeia – como já observado – é identificar-se aos sacerdotes que

atribuem a Belzebu, o maioral dos demônios, o mérito da cura que consagra ao mudo endemoninhado (MATEUS, 9:34).

Oportuno esclarecer que o termo “demônio”, traduzindo criatura criada por Deus com específica finalidade de atormentar os seres terrenos, compreende proposta de doutrinas convencionais por se preservarem as bases materialistas em que se assentam, ocultando, pois, a vida organizada que triunfa noutra dimensão, onde a vítima do pretérito encontra adequado campo ao processo de retaliação.

Escritos por inúmeros autores, e em termos coerentes à própria cultura religiosa, estranhos textos surgem que escapam à individual compreensão, sendo, neste caso, conveniente não imitar o povo de Jerusalém que, por ouvir a voz da insensatez, do orgulho e da inveja, precipitadamente, condena o Senhor à crucificação.

Acusar o Cristo por determinados textos que lhe são atribuídos compreende significativo risco, considerando que os tradutores também sugerem termos não só coerentes à própria compreensão moral, como também convenientes às propostas das organizações religiosas a que servem.

Analisada sob o prisma da vaidade e da inveja – as lentes que predominam neste plano –, toda ação nobre, sem qualquer critério, é rejeitada, desde que proceda de terceiras iniciativas.

Sob a ótica dos sentimentos mais puros, no entanto, a palavra do Mestre sempre denuncia inusitados ensinos, cuja compreensão pode ser dificultada pela ausência de maturidade, ou pelo condicionamento religioso sugerido desde o berço, a despeito, por vezes, da inteligência que se tem.

Enquanto os seres imperfeitos observam agressão nas palavras do Mestre, a mulher cananeia denuncia-lhe elevados sentimentos e, por não revelar qualquer vulnerabilidade ao mal, vem a ser contemplada com as messes do Senhor, traduzidas no restabelecimento à saúde da querida filha.

Destacar os valores morais da mulher cananeia e o elevado grau de humildade e de fé de que era portadora compreende o propósito do Cristo, ainda que, como o centurião, não se vinculasse à família espiritual dos migrados da Capela, então denominada de ovelhas desgarradas da casa de Israel.

Por desprezar espiritual compreensão de alguns textos, o homem denuncia, igualmente, a posse de lentes do despotismo e da vaidade, iguais,

portanto, às que facultam a visão de Anás, de Caifás e dos orgulhosos sacerdotes de seu tempo.

Admitir o mal na eterna e cristalina fonte do legítimo amor é confessar a própria inferioridade moral, recordando o barro que critica as mãos do oleiro, como figuradamente asseguram os profetas Isaías (29:16) e Jeremias (18:6).

À semelhança de cetáceos marinhos que, em busca de oxigênio, com frequência, comparecem à superfície do oceano, o orgulho e a vaidade igualmente anotam o imperativo de se estadearem periodicamente, ainda que, paradoxalmente, sob pretexto de se mostrarem humildes.

Por elevação ou superioridade, o orgulho e a vaidade somente admitem a prepotência, aliada ao poder econômico, atributos da terrena personalidade, cujos detentores se contrariam até a sombra da legítima ascendência moral ou intelectual.

Não existissem, pois, valores morais a serem destacados e jamais o Senhor empregaria citados termos, só utilizados por revelar aos apóstolos e à posteridade os nobres valores que adornam o caráter da mulher cananeia, conquanto o propósito de restabelecer a saúde da filha horrivelmente - endemoninhada.

Por denunciar o significativo carinho de Jesus pelas ovelhas do aprisco, com antecedência de inúmeros séculos, Isaías anota a seguinte frase: “Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti” (ISAÍAS, 49:15).

Conquanto, pois, o profético carinho por todos, somente a seres de compreensiva moral e de reconhecida humildade o Senhor utiliza de singulares expressões, considerando que, à semelhança do combustível que se acende diante da menor centelha, o orgulho e a vaidade, anotando por insinuação a palavra mais despretensiosa, também se inflamam, sendo lícito dizer que, enquanto a humildade se considera honrada por ouvir dos lábios de Jesus os citados termos, o orgulho e a vaidade se mostram feridos, revelando, com isso, a própria existência.

# 25

# Véu do templo

> *E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; e abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição Dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos.*
>
> (MATEUS, 27:51 A 53.)

Os fenômenos descritos por dois evangelistas, posteriores à crucificação do Cristo, denunciando manifestações sísmicas ou admitidos apenas por efeitos físicos, revelaram-se entre a hora sexta e a hora nona.

O fato, porém, de um túmulo abrir-se por qualquer motivo não sugere a ressurreição do ser cujo corpo estava em decomposição. Assim, pois, pelo menos uma parte da narrativa deve ser examinada figuradamente.

A crucificação assinala o término das atividades do Cristo na Terra. Admitindo-se por “dia” sua presença neste plano, deve-se traduzir por “noite” sua ausência ou seu retorno às ditosas moradas, considerando ser o grande astro que ilumina os caminhos evolutivos da Humanidade. Por isso, aconselhava aos apóstolos: “Andai enquanto é dia”. Dia foi, nesse caso, o período que assinalou sua presença no mundo, enquanto a crucificação assinala o retorno do mundo à escuridão.

As rochas que se fendem compreendem as frágeis bases que sustentam o edifício das convenções religiosas do judaísmo ou similares. Os túmulos, que na Terra assinalam o término da vida, com a mediunidade enaltecida por Jesus, simbolicamente, se abrem, revelando a imortalidade. No entanto, é o Espírito que retorna e não o corpo físico. As visões do Cristo, após a crucificação, e dos

justos que aparecem a muitos, devem ser admitidas por fenômenos mediúnicos e não por ressurreição.

As cortinas alegóricas que separam as duas dimensões da existência, por ocultarem a vida organizada noutro plano sob o imperativo dos ventos da conscientização cristã, rasgam-se de alto a baixo, denunciando, com a mediunidade sublimada, as infinitas moradas que compreendem a casa do Pai celestial.

Importa, pois, recordar um parágrafo do primeiro capítulo:

> Se portas simbólicas se fecham com a morte, traduzindo o desconhecido, janelas se abrem com a mediunidade, restabelecendo a comunicação com os seres do Além e anunciando a abertura dos túmulos.

O túmulo apenas assinala o término de um dia maior no relógio da eternidade.

# 26

# Jesus carrega imperfeições humanas

> *Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças.*
>
> (MATEUS, 8:17)

> *Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido.*
>
> (ISAÍAS, 53:4.)

Respaldado em interpretações místicas, o religioso tradicional se julga exonerado de qualquer esforço de renovação íntima, admitindo-se isento de culpa, com base no sangue derramado e no sofrimento do Cristo, olvidando que o calvário, para os seres terrenos, compreende o quadro imposto pela consciência culpada, visando libertar-se do remorso que, na espiritualidade, constitui o maior sofrimento que o ser experimenta (JOÃO, 8:34).

Por sugerir, no sangue do Cristo, o resgate antecipado, as religiões oficiais indiretamente abonam o crime, por consequência já institucionalizado no mundo, olvidando, por vezes, o direito da vítima ou do ofendido, o mesmo comportamento dos sacerdotes que recolhem a Virtude (Cristo) à cruz, enquanto emprestam liberdade a Barrabás ou ao mal que, abonado também por dogmas, aguarda o Juízo Final para ser, com o homem inferior, erradicado da Terra.

Escondendo-se nos remendos das velhas tradições humanas e alimentando imperfeições atribuídas ao demônio (interno), o homem sugere inconvenientes interpretações a determinados trechos evangélicos nos quais se acomoda, desobrigando-se da íntima reforma e do processo de evolução a que será empurrado pelo próprio sofrimento.

Estratégia de influente organização inferior de onde procede o conhecido império da Terra, representada inicialmente por Herodes, prossegue sua marcha na crucificação do Cristo e no sangue dos mártires, institucionalizando-se definitivamente no reinado de Constantino[14], considerando alimentar-se da ignorância, das imperfeições e dos inferiores interesses do próprio homem.

Se o crime fosse resgatado antes de cometido, não se justificaria a sentença pronunciada por Jesus, quando Pedro feriu a orelha do soldado Malco, ao dizer: “Embainha a espada, pois todos que lançam mão da espada por ela perecerão” (MATEUS, 26:52).

Igualmente, não se justificariam as lágrimas que Jesus derrama à entrada de Jerusalém, por antever o quadro de amargas experiências que, com o próprio comportamento, o povo anotava para futuro resgate, quando diz: “Jerusalém, - Jerusalém, [...] quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, [...] e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta” (MATEUS, 23:37 e 38).

Nem tão pouco se justificariam as palavras endereçadas ao paralítico de Betesda depois de curado: “Olhe que já estás curado; não tornes a pecar, a fim de que não te suceda coisa pior”.

O primeiro mandamento do Decálogo mosaico, depois das retificações impostas pelo autor e pelos profetas Jeremias e Ezequiel, resumidamente, esclarece: “Desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo iniquidade, morrerá por ela; na iniquidade, que cometeu, morrerá. Mas, convertendo-se o ímpio da impiedade que cometeu, e procedendo com retidão e justiça, conservará este a sua alma em vida. Pois que reconsidera, e se converte de todas as suas transgressões que cometeu; certamente viverá, não morrerá” (JEREMIAS, 31:29 e EZEQUIEL, 18:28).

Por ratificarem a filosofia niilista, as doutrinas convencionais, sugerindo homenagens à morte, confirmam vida exclusiva ao corpo físico, negando igualmente a mediunidade, porque, se admitida, estaria destruindo as bases em que se sustentam.

Importa admitir que o preceito de vida única, invalida a moral imposta pelo Cristianismo, afrouxando a lei do respeito ao próximo e desconsiderando a sentença prescrita para o juízo final que diz: “A cada um será dado segundo suas ações”.

Admitindo-se imunizados contra quaisquer pecados, que o dogma do perdão simbólico ainda ratifica, os seres se afastam da legítima terapêutica, deixando de identificar, simbolicamente, a presença das bactérias das mazelas morais ou do vírus dos crimes, como fatores do sofrimento.

Admitidos os erros por escravidão e morte (JOÃO, 8:34), facilmente se compreende a resposta de Jesus endereçada ao moço que lhe pede para sepultar o corpo de seu pai: “Segue-me, e deixa os mortos sepultar os seus mortos” (MATEUS, 8:22).

O Mestre não faz alusão ao corpo necessitado de sepultura, mas à impossibilidade de se resgatarem sentenças alheias.

Somente aos autores dos delitos, também admitidos por mortos, compete reparar suas faltas, dando, pois, sepultura a seus próprios espectros.

O Cristo compreende o grande lente do mundo, como bem afirma ao dizer*: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não permanece na escuridão.*

Admitir o Senhor por Cordeiro que tira o pecado do mundo significa aceitar, por simbólico, o sangue que, por isso, traduz a alma ou a essência do Evangelho.

Se o terapeuta, simbolicamente, carrega a doença, e se o lente resgata da ignorância o aluno, o Cristo, na condição de Mestre e Médico, pelo raciocínio e conscientização espiritual que proporciona, afasta do homem as doenças morais e, consequentemente, os quadros de sofrimento físico.

---

[14] N.E.: *Flavius Valerius Constantinus* nasceu em Naissus, em 272 e morreu em 337. Ele foi imperador romano e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte.

# 27

# Arrebatamento de Elias

> *Então Elias tomou a sua capa e a dobrou, e feriu as águas, as quais se dividiram para os dois lados; e passaram ambos em seco. Sucedeu que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim. E disse: Coisa difícil pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará, porém, se não, não se fará. E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.*
>
> (II Reis, 2:8 a 11.)

A reencarnação, constituindo base do Cristianismo, foi substituída por Justiniano[15] pelo dogma do batismo e do sono eterno, fazendo calar as vozes da imortalidade, da evolução do Espírito e consequente Justiça Divina.

Sob o domínio de seculares ordenações que determinaram a forma de se pensar, depois de proibido o livre raciocínio, acomodou-se o homem aos interesses inerentes à vida física, dobrando-se ao imperativo de um reinado transitório e prepotente, mas que não lhe cobra esforço sobre a íntima reforma, nem o condena por crimes praticados contra si e contra o próximo.

Apagada qualquer lembrança da Religião do Cristo, conquanto a impossibilidade de sobrevivência física no espaço cósmico, afastado do bom senso, o fiel ainda admite o arrebatamento de Elias num carro de fogo e no corpo físico, até porque não compreende a vida organizada noutra dimensão.

A ausência de recordação do pretérito não deve constituir motivo para negar a imortalidade, considerando que a faculdade mediúnica, também abafada

na idade do obscurantismo, sempre esteve presente, comprovando a imortalidade do Espírito.

O arrebatamento de Elias, exonerado da morte física, tem por base o imperialismo religioso que não aceita a reencarnação nem a vida além da morte física, considerando destruírem a base em que repousam, explicando, por isso, que o Batista não seria a reencarnação, como assegura Jesus, mas apenas o substituto de Elias.

No entanto, não se pode olvidar o imperativo da lei de causa e efeito, alcançando o antigo profeta no corpo do Batista, visando resgatá-lo do remorso que anota desde a morte dos profetas de Baal. Não se pode esquecer, também, a mensagem do anjo a Zacarias, que, à guisa de oráculo, anuncia que seu futuro filho, no ventre de Izabel, trazia o espírito de Isaías.

Mais consentânea com a razão, a cultura espírita define o fenômeno do arrebatamento de Elias por visão mediúnica, que veio assinalar o seu desenlace, naturalmente desconhecido de Eliseu, e ensejar o seu pedido para que lhe fosse concedida “porção dobrada do Espírito Elias”, ou seja, de sua faculdade mediúnica, o que, em verdade, Eliseu, naquele momento, já denunciava possuir, conforme comprova a sua visão.

Fora, pois, mediúnica a viagem de Eliseu, na companhia de Elias desencarnado, até a margem de grande rio que, na sua interpretação, seria o Jordão, cujas águas cristalinas fere com seu manto, por empreenderem a travessia na condição de Espíritos.

Acompanhara espiritualmente seu mestre e amigo até determinada região da espiritualidade que assinala duas dimensões evolutivas, descritas pelo Espírito Jacob.[16]

Tão nítida fora a visão extrassensorial que, na ausência de uma cultura sobre a vida espiritual, embasada hoje pela Codificação, o profeta teve a impressão de que fora no próprio corpo físico que Elias havia sido arrebatado.

Há que se considerar ainda não só a ausência de vocabulário para definir visões de paranormalidade, como o colorido que as várias culturas sugerem a semelhantes manifestações.

No espiritismo, são igualmente catalogados por fenômenos mediúnicos a ascensão de Jesus, na visão dos apóstolos, os acontecimentos do Pentecostes

com a eclosão da mediunidade dos discípulos, no símbolo das línguas de fogo e a visão da convertida de Magdala[17] no domingo de Páscoa.

Depois das veredas do Calvário, os encontros de Jesus com os discípulos sempre foram fenômenos paranormais, seja na viagem a Emaús ou no cenáculo a portas fechadas, ensinando aos incrédulos, de que Tomé vem a ser símbolo, para crerem sob o imperativo da razão.

Recorde-se ainda a pesca milagrosa, determinando aos discípulos que estendessem suas redes à direita, com o que os orienta na jornada messiânica de conquista aos corações mais nobres.

Foi mediúnico ainda o encontro que tivera com Pedro, ratificando o convite para apascentar suas ovelhas, não porque o apóstolo estivesse desatento à sua anterior recomendação, mas com o propósito de estender a orientação ao colegiado para o indispensável apoio que deveria emprestar ao companheiro de jornada no capítulo da unificação de sua doutrina.

Finalmente, refere-se Jesus à paranormalidade de Natanael, quando lhe diz que veria o céu se abrir e os anjos subindo e descendo sobre o Filho do Homem (JOÃO, 1:51), como mediúnicos têm sido todos os processos de comunicação entre encarnados e desencarnados, que se processam de conformidade com a escala dos valores morais de que as criaturas sejam portadoras.

---

[15] N.E.: *Flavius Petrus Sabbatius Justinianus* nasceu em Taurésio, em 483 e morreu em Constantinopla, em 565. Foi imperador bizantino de 527 até a sua morte.

[16] N.E.: XAVIER, Francisco Cândido. *Voltei*, 2005.

[17] N.E.: Magdala era uma pequena aldeia, aparentemente situada na Galileia, visto que parece ter sido o local de nascimento de Maria Madalena ou “Maria de Magdala”.

# 28

# Desobsessão

> *Ouvistes o que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso e, ao que quer demandar contigo em busca da túnica, deixa-lhe também o manto. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele mais duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.*
>
> (MATEUS, 5:38 A 42.)

Na ausência do leme da conscientização evangélica sobre as leis de causa e efeito que determinam o destino de cada ser pelo bom ou mau uso da liberdade, a obsessão, nos seus mais variados aspectos e desde as eras mais remotas, tem constituído escolho ao barco frágil dos destinos humanos, ainda construído dos retalhos pobres de suas culturas religiosas.

Davi assegurava a Saul, o primeiro rei de Israel, por meio da música, a terapia para afastá-lo de suas crises habituais. Ao rei Nabucodonosor, da Babilônia, foi revelado, em sonho, que, durante sete anos, buscaria a erva do campo, processo largamente usado no plano inferior da espiritualidade e denominado no espiritismo de licantropia ou zoantropia. Vale lembrar ainda o atendimento de Jesus ao endemoninhado gadareno que buscava refúgio nos túmulos e ao moço lunático que os apóstolos não puderam curar.

André Luiz descreve imensa variedade de manifestações obsessivas, suas origens e os respectivos processos de tratamento,[18] enquanto Bezerra de Menezes narra acontecimentos que se desenrolam no século XV, dando origem a longo ciclo de sofrimento que termina no início do século XX.[19]

Os sanatórios espíritas asseguram aos pacientes, por meio de intensivo tratamento de emergência, o pronto alívio, à semelhança do que prometia Jesus

aos aflitos e sobrecarregados, mas é o núcleo espírita de boa orientação que confere o tratamento definitivo depois de o enfermo sedimentar a própria libertação.

Atrás de cada drama obsessivo existe uma lauda de compromissos assumidos no campo do livre-arbítrio, algumas no início, outras no final da reparação. Pacientes e algozes mais dóceis que aceitam o auxílio para a própria renovação e outros impermeáveis aos conselhos e orientações, cujas algemas do ódio a que ainda se vinculam somente o concurso do tempo e a terapia de dores mais intensas conseguirão desatar.

A recuperação definitiva de cada paciente guarda relação, pois, com o montante do débito por ele assumido no pretérito e com a reforma íntima que venha a se impor pela conscientização, sem desconsiderar a natureza do credor invisível, não obstante a contribuição dos mentores espirituais e dos colaboradores encarnados no capítulo da assistência espiritual.

Não existem fórmulas milagrosas, tão a gosto das criaturas inexperientes, como o chamado desenvolvimento mediúnico do enfermo com o próprio obsessor, gesto inconsequente que só agrava os desequilíbrios psíquicos, conforme ensina o Espírito Bezerra de Menezes.[20] Convém se faça referência aos trabalhos de desobsessão em massa, que não passam de meras fantasias, ironizadas pelos próprios obsessores.

Vale, por isso, propor aos adeptos e defensores dessas teorias que as comprovem nos sanatórios onde os resultados compreenderão melhores testemunhas. Que prevaleça, pois, o bom senso e a razão entre os obreiros sérios da doutrina, lembrando ainda que toda árvore que o Pai celestial não plantou será, simbolicamente, arrancada e queimada pelo processo de conscientização.

Jesus ensina que as doutrinas que prometem a solução de problemas semelhantes, mediante fórmulas exteriores e menor esforço, tornam inútil o mandamento divino consignado em seu Evangelho.

Segundo as manifestações, o Codificador classifica as obsessões por simples, fascinação e subjugação.

Convém, por isso, recordar a legítima terapêutica, proposta pela Doutrina Espírita, que consiste nos seguintes recursos:

Oração sincera – como fonte de forças espirituais;

Passe – à guisa de transfusão de energias psicofísicas;

Estudo do espiritismo – que enseja recursos para vencer as próprias imperfeições;

Trabalho assistencial – do qual resultam três fatores: terapia ocupacional, companhia de Espíritos superiores e crédito pelo que se faz em favor de terceiros;

Vínculo permanente ao núcleo espírita de boa orientação;

Trabalho mediúnico de desobsessão.

Esses fatores, exercitados ao longo do tempo, vão sedimentar a reforma íntima e o crescimento moral do enfermo encarnado, modificando-lhe a frequência vibratória, com o que interromperá a sintonia mental que estabelecia com o desencarnado que, como alternativa, só disporá de meios indiretos para alcançar seus infelizes objetivos. No entanto, por vezes, vale-se dos citados recursos para renovar-se, igualmente, abandonando o campo da retaliação.

Não se devem subestimar os vínculos que estreitam as criaturas através de longas experiências, que guardam relação com a natureza dos débitos assumidos em pretéritas existências, para se compreender as dificuldades que constam da pauta das encarnações de quem desprezou as diretrizes do respeito ao próximo, no uso de temporários talentos da riqueza, da autoridade ou de falsos direitos que as convenções terrenas lhe conferem.

Jesus lembra, por isso, o imperativo da reconciliação com o adversário, enquanto estiver com ele no caminho da existência terrena, a fim de não ser alcançado pela justiça inscrita no livro da consciência.

Procurando recursos para amenizar tais processos de dor, a espiritualidade vale-se, ainda, do instituto do lar, onde os protagonistas se reúnem pelos vínculos consanguíneos com a finalidade de desatarem os laços do ódio em que se envolvem por longos períodos de sofrimento.

Devem ser compreendidas, pois, as frustrações a que, por desconhecimento, estão sujeitos os membros da família na senda do reajuste comum. Quanta antipatia cultivada no recinto doméstico, dando origens a agressões ou adiamentos de compromissos, mediante separações injustificáveis!

Diante, pois, dos débitos já existentes, no quadro da consciência, recomenda Jesus àquele que, na senda do resgate, for solicitada a túnica tecida

pelos fios da consanguinidade, que ofereça também o manto do amor, porque não bastam os vínculos da família na solução dos problemas de reconciliação. E ratifica, dizendo:

> Se alguém te obrigar a caminhar mil passos – emblema da existência terrena –, acrescentem-se mais dois mil passos de novas experiências, com o que, além de eliminar as algemas do ódio, podem-se tecer os laços do amor, garantia plena da felicidade permanente.

Jesus ainda ensina ser necessário que, depois de quitados os compromissos e a título de investimento, ajude-se o companheiro retardatário em seu processo de evolução.

São inúmeras as experiências, no campo da carne ou fora do corpo físico, para se alcançar a quitação de velhos compromissos e assegurar algum patrimônio espiritual que constitui a riqueza do porvir. A profilaxia, porém, consignada no Evangelho consiste sempre na prática do bem e no respeito ao próximo.

Genericamente, porém, pode-se afirmar que a escola espírita auxilia o progresso espiritual coletivo das criaturas, recordando, no entanto, que a evolução de cada ser, no relógio do tempo, corresponde sempre ao grau de entendimento e ao esforço individual.

---

[18] XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*, 2005.

[19] XAVIER, Francisco Cândido. *Dramas da obsessão*, 2005.

[20] PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da mediunidade*, 2004.

# 29

# Remendo

*Ninguém deita remendo de pano novo em roupa velha [...]..*
(MATEUS, 9:16.)

Enquanto o pano novo sugere a roupa inteiramente tecida com um só fio, o remendo compreende parte de uma indumentária constituída por diversos pedaços.

Importa sejam relacionadas algumas tradições, ou partes de que o vestido velho das doutrinas convencionais se compõe, iniciando-se pelas implantadas por Abraão, origem das maiores religiões, seguindo-se com as de Moisés, considerado primeira revelação no Ocidente.

A circuncisão instituída pelo patriarca assinalava o pacto que estabelecera com os Espíritos, sinal que identificava os membros da família ou da corporação. O apóstolo dos gentios, mais tarde, atribui os sinais às suas cicatrizes, por assinalarem os açoites que autenticavam a condição de apóstolo de Jesus.

Seguem-se os holocaustos dos animais, instituídos por Moisés com o propósito de eliminar inaceitáveis holocaustos humanos, criticados pelo profeta Isaías nos seguintes textos: “Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes” (ISAÍAS, 1:11).

> Quem mata um boi é como o que tira a vida a um homem; quem sacrifica um cordeiro é como o que degola um cão; quem oferece uma oblação é como o que oferece sangue de porco; quem queima incenso em memorial é como o que bendiz a um ídolo (ISAÍAS, 66:3).

O jejum do alimento físico, o incenso, as festas consagradas à lua nova, os dias santificados e as diversas solenidades religiosas compreendem,

igualmente, remendos herdados de outras searas religiosas, a que Isaías também faz alusão, dizendo:

> Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene (ISAÍAS, 1:13).

O batismo denuncia diferentes motivos. O instituído por Moisés refere-se à impureza atribuída à mãe, durante 40 ou 80 dias, com base no sexo masculino ou feminino da criança. O instituído pelo Batista, recomendado por seu mentor espiritual, tinha por finalidade preparar o ser humano à compreensão do Cristianismo nascente, identificando, ainda, a chegada neste plano do grande Esperado. Finalmente, o batismo implantado por Justiniano, traduzindo purificação simbólica e propondo correção às leis de Deus, sob o pretexto de eliminar o falso pecado de origem do corpo.

Não se deve olvidar a consagração do primogênito, na doutrina mosaica, com significativa discriminação ao Espírito feminino, ainda que normal àquela época.

O pão sem fermento – ázimo – instituído ao povo judeu na fuga do Egito compreende o alimento espiritual, simbolizado no Evangelho ou no corpo de Jesus, que aparece na hóstia, depois de transplantado para outra lavoura, considerando suas palavras: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre” (JOÃO, 6:51).

A unção, que no mosaísmo surge em atos solenes conferidos aos príncipes e reis, reaparece noutro terreno religioso, inclusive por derradeira lembrança aos que se despedem da existência.

Os ídolos, desafiando os milênios, constituem forte cultura atual, apesar de condenados por Moisés (LEVÍTICO, 26) no primeiro mandamento do Decálogo e por inúmeros profetas, entre os quais Isaías (Cap. 44:15 a 20) e Jeremias (Cap. 10:3). Recomenda-se conhecer as anotações sobre ídolos e imagens, constantes do item 4, capítulo “Jeremias”, do livro *Os profetas*.[21]

As tradições ou os dogmas recordam, pois, os diversos remendos de pano velho que constituem a indumentária, a flâmula das doutrinas convencionais, que conservam do Cristo apenas a escultura, que o recorda vencido e submisso ao império da Terra.

O Cristianismo não se constitui de tradições ou de remendos. O Evangelho de Jesus ou sua autoridade recordam sua indumentária inteira, o manto que, numa referência ao seu reinado espiritual, fora tecido sem costura de alto a baixo, dando motivo a não ser dividido pelos soldados.

---

[21] MOUTINHO, João de Jesus. *Os Profetas*, 2009.

# 30

# Grande tribulação

> *Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.*
>
> (MATEUS, 24:21.)

O capítulo 24 de Mateus divide-se em seis partes. Sob o título “Princípio das dores”, a segunda parte faz menção a guerras e rumores de guerra, fome, epidemias e terremotos em vários lugares.

Com o título de grande tribulação, a terceira parte, destacada para estudo, assegura que tais ocorrências nunca existiram desde o princípio do mundo nem existirão jamais, acrescentando: “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias” (MATEUS, 24:22).

Dores físicas constituem, pois, o princípio das dores ou o quadro de experiências de que os apóstolos se compreendiam defesos, considerando a recomendação do Mestre para que não temessem os que matam o corpo, reforçada com a oração que faz por eles: “Não vos rogo, meu Pai, pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. Não vos peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (MATEUS, 17:9 e 15).

A grande tribulação deve ser examinada sob diferente prisma, porquanto, apesar das referências anotadas no capítulo 4 de Mateus, ainda não foi reconhecida porque foi equivocadamente atribuída a Jesus sob o nome de “tentação”.

A tentação, ingenuamente, atribuída ao Senhor, no entanto, faz alusão exclusiva ao poder econômico, do que deu sobejas demonstrações de desprendimento, desde a manjedoura que elege por berço.

Os prejuízos morais oriundos da riqueza mal conduzida não podem ser ignorados, mas admitidos por obstáculo à jornada evolutiva, considerando que o apego à riqueza estabelece vínculos espirituais com Espíritos da mesma natureza, secundando a vulnerabilidade humana.

Ao quadro das tentações deve-se acrescentar, pois, o atual comportamento sexual dos seres terrenos, concluindo-se que dinheiro e sexo recordam solos de areia movediça, aos quais os tentadores podem induzir seres incautos quando permanecem no campo das indecisões.

A tribulação admitida no domínio das forças sexuais respalda-se na desestruturação da família, para o que concorrem inúmeros fatores, entre os quais a imprensa, o cinema, a televisão, a internet e o falso conceito de liberdade de sexo, além do materialismo absoluto, enquanto o homem ainda a compreenda por desastres sísmicos, atmosféricos ou epidêmicos.

Os desvios anotados no terreno do sexo em eras anteriores, comparados aos de hoje, devem ser admitidos por arremedo, ainda assim acompanhados de significativas correções conhecidas na saga de Sodoma, Gomorra, Herculano e Pompeia.

As forças da libido não podem ser ignoradas ou reprimidas sob pretexto de constituírem fruto proibido. Deve-se admitir, sem abono aos desvios oriundos do mau uso, a inconveniência do celibato eclesiástico ou dos votos monásticos com repressão às energias que determinam a vida orgânica na Terra.

Considere-se que os que se fazem eunucos por amor ao reino de Deus (MATEUS, 19:12) ainda constituem exceções, enquanto seres em processo de evolução definem o equilíbrio no campo das emoções próprias, amparando-se no cônjuge, com o qual organiza a família, sagrada célula no processo da evolução do Espírito. Por isso recomendava Paulo que é preferível casar-se a viver abrasado (I CORÍNTIOS, 7:9).

O Espírito Lázaro[22] ensina que o homem, em sua origem, só tem instintos, registrando sensações no estado mais desenvolvido da atualidade, para anotar, depois de depurado, os sentimentos do amor, síntese de todas as aspirações dos seres, no roteiro de sua evolução, acrescentando que os instintos, inatos nos seres menos adiantados, compreendem a germinação ou os embriões dos futuros sentimentos.

O conceito atual de liberdade sexual, relaxando os laços do compromisso a dois, destrói a família e o berço, dois fatores de evolução que não podem ser desprezados sem consequências imprevisíveis a serem refletidas na desorganização da sociedade.

O comportamento sexual tem de ser examinado sob o código do respeito e da responsabilidade que a união de dois seres enseja, a fim de que sua força não se desvie às veredas da prostituição.

Quando se despreza o leme do respeito no barco da vida terrena, as forças da libido assumem foros de vulgaridade, denunciando singular desinteresse à educação dos descendentes, em que pese os presentes com que se procura resgatar o desapreço à família.

O equilíbrio da criatura no domínio das forças sexuais fala de sua evolução moral e da qualidade de suas companhias espirituais.

Nas cidades de Sodoma e Pompeia, enquanto milhares de corpos se rendem ao imperativo das chamas, a dor coletiva mobiliza o processo da evolução moral em que as superiores diretrizes espirituais se amparam no propósito de cortar o mal pela raiz.

Em idênticas condições, o atual quadro social que o Céu conhece determinará, com certeza, o futuro quadro de sofrimento individual ou coletivo, emprestando leme e bússola ao barco da evolução moral, atualmente à deriva, no grande oceano revolto que as imperfeições morais recordam, considerando que as Leis divinas não se fraudam sem o imperativo da correção.

O adjetivo “tabu” atribuído aos elevados princípios do respeito e da continência deixa o barco da existência sem leme e sem bússola, alargando os horizontes da liberdade no domínio do sexo sem censura, dando origem à insegurança anotada no terreno do consórcio, ou do compromisso anteriormente assumido pelos nubentes.

A ausência do cônjuge observada na desarmonia das forças da libido promove continuada aventura no terreno do sexo, denunciando, na maioria dos seres, aura de forças sexuais desequilibradas, num convite permanente ao consórcio espiritual conhecido por vampirismo.

Aos fatores que concorrem para desestruturar a família, devem ser adicionados a ausência de censura e o falso direito que os seres admitem ter, olvidando que o direito legítimo tem por base o dever cumprido. Direito e

liberdade devem, por isso, guardar proporção ao progresso moral do homem ou, na sua ausência, acompanhados da censura a ser imposta por lei.

A abreviação daqueles dias pode compreender a intensidade que Jesus atribui às atuais ocorrências, ou reconhecer o equívoco na contagem do tempo, tomando por base a diferença de cinco anos na data de seu nascimento, o que se considera improvável se a grande tribulação for admitida por fatores sísmicos ou cósmicos, porque compreenderia alteração do tempo medido pelos movimentos de rotação e translação do orbe terreno.

A presença do verbo “antecipar” pode ser admitida por cultura, equívoco de tradução ou porque, no pretérito, o termo traduzia sentido diferente.

Visando, pois, emprestar à oração maior coerência, sugere-se que o verbo “antecipar” seja substituído por “cercear”, “interromper” ou por termo que encerre idêntico sentido, considerando que as diretrizes espirituais, antecipadamente conhecidas por Jesus, não permitem alterações.

O continuado comportamento humano no terreno da liberdade sexual, abonado por comunidades terrenas, já constitui jurisprudência em que o direito terreno se apoia em defesa das criaturas humanas que se distanciam, acentuadamente, dos elevados ditames do decoro e da evolução moral.

Ainda que adquirindo foros de legitimidade neste mundo, a Justiça celeste anota o atual comportamento dos seres terrenos, por grande tribulação, por comprometer o equilíbrio emocional, a paz e o progresso espiritual, que descansa no alicerce da família.

Resta aos Espíritos moralmente superiores – os bem-aventurados que sofrem perseguição por amor à Justiça – a certeza de que toda árvore que o Pai celestial não plantou será arrancada e lançada ao fogo, além de admitir por cego conduzindo outro cego os seres que, por seu comportamento, elegem por destino o fosso das experiências reparadoras.

---

[22] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XI, it. 8.

# Segunda parte

# 31

# Divino embaixador

*Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana ao Filho de Davi!*
(MATEUS, 21:9 E SALMOS, 118:26.)

Escrito por Davi dez séculos antes e referindo-se à presença do Senhor à face da Terra, o texto evangélico comprova a presença da mediunidade e da existência de um Governo Espiritual que, de planos superiores, a tudo preside com antecedência de milênios.

Cavalgando modesto animal de serviço, na curta viagem que o conduz a Jerusalém com destino à via crucial, Jesus consagra expressiva lição de paz, trabalho e serenidade – fundamentos da vida e do progresso – num contraste às ruidosas demonstrações de poder e força com que os príncipes da Terra se destacam, cavalgando animais de raça, o que demonstra prepotência, escravidão e morte.

Por irônico deve ser admitido o termo “triunfal”, considerando que, se analisado no sentido espiritual, o Senhor ainda não havia terminado sua missão e, se examinado no sentido terreno, não se admite por triunfo entrar numa cidade com destino ao calvário sobre o dorso de um animal de serviço.

Por triunfo deve ser lembrado o comportamento de Zaqueu, propondo dar aos pobres a metade de seus bens pela alegria de hospedar o Cristo na casa física e no coração.

Importa acrescentar que príncipes, reis ou imperadores não escolheriam humilde animal de serviço em demonstração de triunfo. A saga universal não anota nenhum monumento de asno erguido em homenagem a grandes vultos políticos em demonstração de poder e força.

Se com as armas irônicas de César o homem impõe domínio à casa alheia, com o jumentinho o Cristo se dirige ao íntimo santuário das almas.

Por denunciar inconstância, o povo de Jerusalém empresta jubilosa recepção ao Senhor, que a recebe por simples capítulo na senda que o conduz ao calvário, sabendo, todavia, que, a soldo de Anás e de Caifás, dias depois, a mesma gente estaria propondo sua condenação e sugerindo liberdade a Barrabás que, abonado por dogmas religiosos, ainda denuncia sua presença no cenário empobrecido de virtudes deste mundo.

Identificado pelos anjos no berço, por Simeão e Ana na consagração e pelo precursor aos trinta anos, depois da multiplicação de pães e da saúde que consagra aos enfermos, pela última vez Jesus se faz reconhecido por Grande Esperado ao entrar em Jerusalém sob o dorso do jumentinho, antes de se elevar ao Céu pelas asas da cruz.

Participando do processo que sentencia Jesus à morte na cruz, a nação judaica converte-se em escrava da Justiça Divina, invocando pesado fardo de sofrimento, do que iria libertar-se no curso de vinte séculos.

Oportuno, pois, recordar as palavras que pronuncia à entrada da cidade, conhecendo o drama aguardado aos seus habitantes:

> Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, [...] e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta; [...] me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor. (MATEUS, 23:37 a 39).

Se aguardando outro messias o povo denuncia não haver reconhecido o Cristo por celeste Embaixador, conclui-se que, apesar da aparente liberdade de que desfruta, o regime da desolação ainda não deve ter sido totalmente afastado do quadro evolutivo da nação.

O Senhor revela-se o Esperado e o Salvador, mencionado no oráculo de Zacarias, que então invoca:

> Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvo, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta (ZACARIAS, 9:9).

Sem invadir o íntimo santuário dos seres terrenos, ainda que para facultar o endereço do Céu, o Filho do Altíssimo ainda sanciona o que diz a respeito de sua missão, assegurando que não veio ao mundo para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.

# 32

# Crucificação

*E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram.*

(JOÃO, 19:37 E SALMOS, 22:16.)

Sem desprezar significativas considerações sobre a impossibilidade de um corpo sustentar-se na cruz exclusivamente sob pregos, há de se admitir que as conhecidas esculturas do Cristo crucificado, instituídas pela Igreja depois de 1870,[23] tenham sido inspiradas no presente salmo. Emmanuel refere-se à escultura, dizendo:

> A Igreja que nunca se lembrara de dar um título real à figura do Cristo, vendo desmoronarem-se os tronos do absolutismo com as vitórias da República e do Direito, construiu a imagem do Cristo-Rei para o cume de seus altares.[24]

Pregado à cruz no meio de dois ladrões, as autoridades religiosas mosaicas impunham não só a morte, mas extenso processo de humilhação ao Cristo sob o libelo de dizer-se Filho de Deus. Disputando primazias e louvores e inquietando-se por conservar o título de intérpretes da lei, os sacerdotes não conseguem entender que apenas se destacam por instrumentos voluntários ao cumprimento de decisões espirituais.

Deve-se admitir que o episódio do calvário não ocorre ao sabor do acaso, nem se define apenas por arbitrariedade de Anás e Caifás, porque, anotado por Jesus na sede espiritual de seu governo com significativa antecedência, visando entregar aos seres terrenos a mensagem universal de imortalidade, de justiça, e de paz.

No calvário, o Senhor tem por única companhia o bom ladrão a quem faculta compreensivas esperanças, como a esclarecer que, em qualquer situação, ainda que pregado à cruz, o homem dispõe sempre de recursos para auxiliar o

semelhante, além de ensinar que, apesar dos esforços que mobilizara na edificação de um reino coletivo de paz, esse nobre reinado somente é conquistado, individualmente, pelos seres que demonstram manifesto esforço por alcançá-lo.

Com pés e mãos afixados à cruz, a estátua configura o estado a que sua doutrina seria reduzida, imobilizada no contexto das convenções religiosas. A alma, ou o conteúdo com que o Cristianismo, inicialmente, se destacou, resistiu à crucificação e animou as atividades apostólicas por cerca de três séculos, de onde se ausentou depois do consórcio imposto pelo Estado.

Além de ratificar o dogma do sono eterno, a estátua, traduzindo também advertência, ainda empresta soberano culto à morte, sustentada também por fariseus e sacerdotes que, defendendo o seu império, determinam a guarda do sepulcro, depois de selarem a pedra que, providencialmente, veio a ser removida, por revelar, no túmulo vazio, vitória da vida sobre a morte, até agora tão cultuada por religiões clássicas, apesar das palavras dos anjos às mulheres que visitam o jazigo do Cristo no domingo de Páscoa: “Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ide, pois, e dizei aos seus discípulos que ele vai adiante de vós à Galileia, onde o vereis” (LUCAS, 24:5 a 10).

Por dezessete séculos, as abençoadas mãos do Cristo ficaram impedidas de superiores demonstrações, como a multiplicação de pães e a restauração da saúde aos enfermos, o que, todavia, não significa esquecimento, considerando que, secundadas por Kardec, se mobilizam na edificação da Codificação Espírita, ratificando o que diz a seu respeito: “[a vida] Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai” (JOÃO, 10:18).

---

[23] N.E.: Ano que assinala a declaração da infalibilidade papal (Pio IX).

[24] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, cap. 23.

# 33

# Fundamentos do cristianismo

*Ele lhe guarda todos os seus ossos; nem sequer um deles se quebra.*
(JOÃO, 19:33 E SALMOS, 34:20.)

Reconhecido nas mãos de Jesus o leme que orienta a vida das comunidades planetárias,[25] devem ser considerados, no drama do calvário, os limites que definem as ocorrências relacionadas à sua crucificação, divisa que o homem não poderia transpor, ainda que apoiado na autoridade que os títulos e as convenções, transitoriamente, lhe atribuem.

Emblema da estrutura do Cristianismo, que tem por base a imortalidade do Espírito, a vida organizada noutra dimensão, a reencarnação e a insubornável Justiça divina, compreende-se por que nenhum de seus ossos poderia ser lesado.

Se os fundamentos do Cristianismo e do futuro Consolador deveriam ser preservados, outro seria o propósito dos representantes religiosos, inicialmente manifesto na crucificação do Cristo e depois na perseguição aos apóstolos.

Implantados depois do consórcio determinado pelo Estado, os sacramentos e os dogmas, denunciando diferente estrutura, vieram a definir os fundamentos da Religião universal, ou os humanos ossos, preservados por dezessete séculos, contrários aos princípios estabelecidos pela Justiça Divina, que se respalda nas virtudes, nas obras e nas aquisições morais de cada ser.

A humildade com que Jesus surge na manjedoura, as lições do Sermão da Montanha, a Justiça Divina ensinada a Pedro quando fere a orelha do soldado Malco e a imortalidade manifesta na “ressurreição” compreendem a estrutura que, se não demolida, permaneceria oculta sob a vegetação de interesses do império terreno, expondo ainda um corpo ferido em que o povo prefere recordar o Cristo na condição de vencido e imobilizado à cruz.

[25] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006, cap. 1.

# 34

# Túnica do Cristo

*Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa.*

(MATEUS, 27:35 E SALMOS, 22:18.)

Diante da cruz, soldados dividem valores de menor valia, deitando sortes sobre a túnica de Jesus, com manifesto desapreço às riquezas imperecíveis do Espírito, copiando exemplos de soldados de todos os tempos que saqueiam cadáveres, furtando-lhes, sem qualquer escrúpulo, os bens, as armas e o próprio uniforme, como se atendessem às leis de Moisés sobre a repartição dos despojos (NÚMEROS, 31:25).

Identificando condicionamento exclusivo à limitada vida orgânica e negando a eternidade do Espírito, a teologia clássica estacionou em valores simbólicos, configurados por Religião, quer reverenciando a estátua do Cristo crucificado, quer investigando a veracidade do santo sudário ou pesquisando o paradeiro do Santo Graal – cálice usado pelo Senhor na última ceia que, sem qualquer prejuízo, deveria constituir-se de cerâmica.

Que se recorde a arca de Noé, de 12 mil anos, que, traduzindo recursos sugeridos pela espiritualidade, na defesa de uma coletividade, deve agora ser configurada no Evangelho, única barca de salvação moral no momento de transição ao grande julgamento. Discute-se igualmente o desaparecimento da arca da aliança, coberta de ouro puro, construída por orientação de Moisés, com a finalidade de proteger as tábuas da lei (DEUTERONÔMIO, 31:26 e I REIS 8:9), olvidando que a preocupação do homem no terreno da Religião deve consistir do conteúdo das tábuas da lei e não do ouro que recobre a arca (MATEUS, 23:16 e 17).

A preferência que se atribui aos valores simbólicos denuncia sempre a ausência de maturidade e compreensão espiritual, à semelhança dos soldados que, depois da morte do Senhor, deitam sortes sobre o seu manto.

Se alguém tinha direitos sobre a túnica de Jesus, seria Maria, sua mãe, e os apóstolos que mais de perto o seguiram. Para estes, porém, a maior herança ou o maior tesouro que, com inusitado interesse, buscaram assegurar traduzia-se no Evangelho que procuraram guardar na memória e, mais tarde, nos pergaminhos.

Dotados de transitória autoridade, os seres terrenos, à semelhança dos soldados, ainda disputam a posse de estranhas roupas simbólicas com que se adornam, denunciando pueris grandezas, olvidando as próprias deformidades denunciadas nas imperfeições morais e a obrigatoriedade de devolverem à sepultura o próprio manto de carne.

Se a indumentária no mundo recorda a transitória autoridade do plano físico, noutra dimensão, o perispírito denuncia a evolução moral da alma, o que o Senhor revela quando se transfigura diante dos apóstolos, onde seu rosto resplandece como o Sol e suas vestes se tornam brancas como a luz (MATEUS, 17:2).

Recordando, finalmente, o opróbrio que se atribuía aos reis vencidos, de quem se usurpavam o cetro e a vida, simbolicamente, o manto do Cristo, poupado sem qualquer dano, compreende a flâmula de sua doutrina e de seu reinado espiritual eterno que não seriam destruídos, conquanto, oculto por estranhos estandartes, durante dezessete séculos.

# 35

# Judas

*Até o amigo que comia do meu pão levantou contra mim o calcanhar.*
(JOÃO, 13:18 E SALMOS, 41:9.)

Emblema da traição, Judas denuncia sua presença no seio das comunidades terrenas, alcançando, por vezes, o campo da Religião, onde portas deveriam se abrir exclusivamente aos melhores anseios do Espírito imortal.

Embora configurados no quadro da patologia espiritual, habilmente evitam a transparência dos traços de inferioridade que trazem consigo. No entanto, compreendem-se candidatos permanentes a quaisquer promoções, seja na política, no trabalho, no comércio, nos templos, nas escolas e até nos esportes, com o que transformam a vida em desonesta competição.

Respaldados em aparente humildade e em boas maneiras adrede estudadas, asseguram a confiança irrestrita dos que os cercam, mediante estudados elogios, no que definem continuadas gratificações.

Podem ser conhecidos como Judas, no apostolado de Jesus; Brutus, no reinado de Júlio César; Joaquim Silvério dos Reis, na Inconfidência Mineira; ou delator, nos tribunais do Santo Ofício. Escravos de interesses subalternos manifestam grande habilidade para elaborar investigações doentias, desabonando a imagem dos próprios amigos, por ambição aos quadros efêmeros da vida física, traduzidos por reinado de César ou pelo simbólico prato de lentilhas.

Se pequeno é o número de pessoas que não se deixam dominar pela influência desses seres, deve-se admitir, igualmente, a reduzida parcela de criaturas que não se deixam vencer por bom incenso.

Por revelar a vida organizada noutra dimensão e a existência de um governo espiritual que a tudo preside, importa dizer que, com cinco séculos de antecedência, os oráculos de Zacarias referem-se às trinta moedas que, devolvidas por Judas aos sacerdotes, são utilizadas na aquisição do campo do oleiro, por cemitério de forasteiros (ZACARIAS, 11:12).

Recorde-se ainda o que o Senhor disse aos apóstolos, por identificar o que o havia de entregar: “Não vos escolhi a vós os doze? E um de vós é um diabo” (JOÃO, 6:70). Na última ceia com os discípulos, mostrando tudo saber, embora afastado de qualquer insinuação de censura, o Cristo identifica o que, na mesma noite, o haveria de trair, dizendo: “Em verdade vos digo que um de vós me há de trair. [...] O que põe comigo a mão no prato, esse me há de trair” (MATEUS, 26:21 e 23).

Compreenda-se, pois, que os maiores inimigos da Codificação não constituem os adeptos de segmentos estranhos, mas os que se alimentam do pão que a Doutrina simboliza, de olho no prato dos interesses farisaicos. Tais seres podem facilmente ser identificados na disputa permanente dos louvores sociais, ferindo, a exemplo de Judas, a imagem de companheiros da mesma seara, até que amargas experiências, colhidas no terreno de continuadas desilusões, ensinem que o reinado de César compreende apenas imitação burlesca do Reinado celeste.

Importante atribuir às trinta moedas – emblema do poder terreno que separa o homem do Cristo – o imperativo de serem devolvidas (afastadas da pauta das reencarnações), entregando-as aos sacerdotes ou aos seres moralmente inferiores para que adquiram o campo de sangue – as várias encarnações – onde darão sepultura aos cadáveres de suas iniquidades.

Recorde-se ainda que, se o Cristianismo resistiu à crucificação de Jesus, conservando por três séculos sua pureza, ao preço das perseguições impostas aos missionários, sucumbiu, mais tarde, ao imperativo da vaidade e da ambição de falsos seareiros que, sem convite, comparecem à lavoura da Religião em busca do soldo e das promoções que os seres terrenos ainda lhes conferem.

# 36

# Fel e vinagre

> *Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre.*
>
> (JOÃO, 19:28 E SALMOS, 69:21.)

Traduzidas por elevados anseios de justiça e compreensão a serem demonstrados pelas criaturas humanas, traduzem a fome e a sede do Cristo, o que confirma ao dizer: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (JOÃO, 4:34).

No entanto, o Cristo, que multiplicou pães e peixes, matando a fome a milhares de seres, não podia agasalhar a esperança de ser compreendido, experimentando a fome ou o jejum espiritual, pela impossibilidade de fazer germinar, no solo árido e pedregoso dos corações humanos, as sementes do amor, da justiça e da verdade, ali lançadas à guisa de semeadura.

Noutra versão, se o alimento espiritual consiste na empatia e nas vibrações amigas que recolhe entre os seres que respiram na mesma frequência moral e evolutiva, onde situa a fonte de sua alegria, pode-se compreender o jejum que o Cristo anota, conhecendo a significativa inferioridade dos Espíritos que adota por descendentes nos caminhos da evolução espiritual.

Pertence à imensa família do orgulho, vulgarmente conhecida por ingratidão, a faculdade de o homem relegar ao domínio do esquecimento o bem que recebe ou o mal que faz. No entanto, alimentado pela vaidade, não se permite esquecer o bem que faz ou o mal que recebe. Por isso, a profecia de Daniel, com seis séculos de antecedência, já informava que nenhuma voz amiga, no dia do calvário, se levantaria em defesa do Grande Ungido (DANIEL, 9:26), apesar das significativas obras de amor que destacaram sua presença na Terra.

Deve-se admitir que toda expressão de gratidão, para o orgulhoso, significa manifesto reconhecimento de inferioridade. As autoridades religiosas sentiam-se diminuídas, no quadro fugitivo das apreciações levianas do plano terreno, por considerarem as extraordinárias obras que lhe conferiam pleno testemunho.

Se o homem de bem, no dizer do Cristo, retira boas coisas do tesouro do coração, facilmente pode-se medir, na escala das conquistas morais, o degrau inferior em que estagiam os seres que, do alforje do coração, só retiram fel e vinagre.

Considerando, pois, a inferioridade das criaturas terrenas, os homens de bem e os missionários que procedem de planos superiores sabem que não devem esperar qualquer demonstração de justiça ou de reconhecimento, senão o fel da ingratidão e o vinagre do desprezo, que o Mestre e seus apóstolos experimentaram sem revolta, considerando que os seres da Terra, desprezando a humildade, ainda confundida por pobreza, e negando a moral por caminho único da paz, ainda conferem exclusiva preferência ao alimento dos corvos.

Bem-aventurado, pois, aquele cuja fome constitui-se, igualmente, dos nobres anseios de Justiça divina.

# 37

# Armas da ironia

*Confiou no Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer.*
(Mateus, 27:43 e Salmos, 22:8.)

Diante da cruz, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecem de Jesus, dizendo: “Confiou em Deus, pois que venha livrá-lo agora, se de fato lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus”.

Tomando por insaciáveis os subalternos sentimentos de inveja e despeito e incomodados diante da serena postura que sua autoridade lhe atribui, embora o Cristo já estivesse sobre a cruz, as autoridades religiosas, na sua prepotência, recorrem às armas da ironia e do sarcasmo.

Se, com expressivos recursos de sua autoridade, fez soldados caírem por terra no ato da prisão (João, 18:6), poderia também imobilizá-los, descer da cruz, conforme, ironicamente, lhe propunham, ou simplesmente deixar de ir ao encontro de Judas que sabia estar no seu encalço.

Importante lembrar a façanha do profeta Eliseu que, mobilizando recursos de sua mediunidade, vence o exército inimigo sem se ausentar de casa (II Reis 6:16 a 23). Igualmente, Moisés manda descer fogo do céu sobre seres que admite por insubmissos (Números, 16:32 e Levítico, 10:2). Essa cultura que ainda orienta o relacionamento humano foi admitida por Moisés na lei do olho por olho, que o Mestre veio modificar, dizendo: a qualquer que te ferir uma face, volta-lhe a outra (Mateus, 5:39).

Considere-se, ainda, que o Senhor não veio ao mundo fazer demonstrações hilariantes de glória ou de poder, próprias das criaturas terrenas, preferindo o silêncio que guardou diante dos que o ironizavam.

Os seres terrenos ainda admitem o sofrimento do Cristo na dor dos pregos ou na cruz, cujo peso divide com o cireneu.[26] Todavia, deve-se ponderar a dor moral configurada na coroa de espinhos, no caniço que à guisa de cetro lhe colocaram à mão, no manto escarlate com que o escarneceram antes de crucificado ou na ironia dos sacerdotes, depois de erguido à cruz.

Convém esclarecer, ainda, que a dor mais significativa, pela qual chora à entrada de Jerusalém, consiste na cegueira espiritual que ocultava a seus habitantes o extenso quadro de sofrimento que a Lei divina anotava, por seu comportamento, para futuro resgate. Eis por que exclama: “Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence!” (LUCAS, 19:42).

Utilizadas pelo homem na conquista de outros seres ou de riquezas da Terra, de que se constitui apenas de usufrutuário, as armas que ferem o corpo físico podem realmente ser qualificadas de irônicas, considerando que o que se obtém com o seu manuseio se converte em significativa cruz a ser carregada até o calvário.

Vale dizer que, observado espiritualmente, o próprio sarcasmo dos seres terrenos pode ser admitido por ironia, principalmente quando o ser humano é admitido por barro e o Cristo por Oleiro, como, simbolicamente, sugerem os profetas Isaías e Jeremias (ISAÍAS, 29:16 e JEREMIAS, 18:6).

Afastado do quadro do medo, Jesus dá pleno testemunho das lições consignadas no Evangelho. Podendo descer da cruz, prefere o silêncio, bebendo até o fim o cálice que Deus lhe confiou. O Pai celestial poderia enviar-lhe doze legiões de anjos para defendê-lo, como diz a Pedro. No entanto, como se cumpririam as escrituras que recordam as superiores decisões por ele mesmo anotadas em pretérito distante? (MATEUS, 26:53 e 54).

---

[26] N.E.: Natural de Cirene, antiga colônia grega na atual Líbia, a mais antiga e mais importante das cinco cidades gregas da região. A cidade deu o nome à região oriental da Líbia, *Cirenaica*.

# 38

# Bom ladrão

*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*

(MATEUS, 27:46 E SALMOS, 22:1.)

Autores de reconhecida idoneidade asseguram que a exclamação deve ser atribuída ao bom ladrão ao perceber a morte do Cristo que, minutos antes, lhe abonara esperanças de conhecer o paraíso, o que comprova o seguinte versículo, atribuído a Dimas: “Em ti confiaram nossos pais; confiaram, e tu os livraste. Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo” (SALMOS, 22:4 e 6).

Dimas duvidava de qualquer expressão de misericórdia por se considerar um verme desprezado por todos. Ao contrário de seu companheiro de infortúnio que, diante da morte, não ocultava expressivas manifestações de ódio e revolta, o bom ladrão se reveste de humildade e arrependimento, conquistando a promessa da assistência que encontraria ao adentrar o mundo espiritual com a morte do corpo físico.

É bom lembrar que a imortalidade e o conceito de vida organizada no plano espiritual, com imensa escala evolutiva, constituem cultura espírita, mais divulgada no século XX. Paraíso, à semelhança do que ensinam as doutrinas tradicionais, compreendia um único termo a definir os diversos estados felizes, assim como a palavra inferno traduzia as diferentes condições de sofrimento.

A promessa de Jesus não compreende perdão gratuito, nem esponja milagrosa destinada a apagar faltas do quadro da consciência, mas elevado gesto de estímulo, num convite ao esforço de renovação íntima que Dimas empreendia na senda evolutiva.

Três Espíritos, representados no mesmo quadro, revelam distintos estados evolutivos e, por isso, diferentes destinos. O Cristo, que, segundo Emmanuel, responde pela evolução dos seres que habitam o sistema solar que criou e dirige. O mau ladrão, que não esconde a revolta íntima que, na Terra ou na espiritualidade, retarda qualquer proposta de atendimento, enquanto Dimas, admitindo sem revolta as defecções próprias, enquadra-se à proteção divina, iniciada por Jesus no calvário, ao infundir-lhe sentimentos de resignação e de humildade.

Ao contrário do que propõe a filosofia religiosa tradicional, mostrando Jesus submisso ao império terreno, o calvário constitui uma das mais expressivas lições que só ele poderia emprestar aos seres deste mundo.

A lição de Dimas deve ser anotada por quantos se encontram em regime de provas ou expiações, recordando que, depois da cruz a ser conduzida ao calvário nas mãos de missionários sob a bandeira da resignação, enquadra-se à proteção facultada pela divina misericórdia.

Deve-se convir, finalmente, que a súplica de Dimas, porque anotada com dez séculos de antecedência, denuncia a paranormalidade de Davi.

# 39

# Sentença

*Apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade.*
(LUCAS, 13:27 E SALMOS, 6:8.)

Enquanto uma parcela do rebanho simbólico do Cristo se constitui de Espíritos mais primitivos de origem terrena, outra parte vem a ser formada pela raça adâmica, migrada do sistema do Cocheiro, há cerca de muitos milênios, compreendendo ambas a grande família de Espíritos matriculados na Terra que, embora contemplada pela direção amorosa de Jesus, uma porcentagem não definiu, até agora, os caminhos da evolução moral.

Em que pese a orientação instituída pelo Evangelho – código universal de todos os seres – e as elevadas lições consignadas nos exemplos do Senhor, o legítimo Cristianismo, por adquirir foros de Estado, acabou imobilizado na estátua que o recorda submisso ao império deste mundo.

Sufocada pela vegetação de interesses terrenos que não reclama esforço algum de renovação íntima, a Religião do Cristo veio a se confundir com o império de César.

Condicionados à vida orgânica a que emprestam exclusiva credibilidade, os seres terrenos continuam procurando sinais de vida na imensidão cósmica, ignorando lições de imortalidade consignadas a Nicodemos, na lição do renascer de novo, na referência de Jesus sobre o retorno de Elias ou ainda na visão mediúnica dos apóstolos, depois de crucificado.

O imperativo do verbo apartar tem por base o estado em que os seres se comprazem, divorciados de fato da orientação imposta pelo Evangelho, por consorciados com os interesses imediatos da vida física.

O desinteresse pela evolução moral do Espírito, cuja imortalidade os seres se recusam a aceitar, compreende fator de desequilíbrio no quadro econômico e social terreno, sendo justo que, depois de inúmeros séculos de teimosia, sejam afastados do planeta, num processo de saneamento ou de seleção de valores, à semelhança do que se verificou no planeta Capela, afastando de seu seio os Espíritos retardatários.[27]

As criaturas que praticam a iniquidade, olvidando superiores orientações do Cristo e esquecendo o respeito e os direitos a que o próximo faz jus, ainda que alegando a condição de discípulos, deverão ouvir, na consciência, a voz da Justiça Divina – afastai-vos de mim – curvando-se ao imperativo da grande viagem a plano ainda desconhecido, no encalço da redenção aqui negligenciada, naturalmente sob a orientação de outros Diretores planetários.

---

[27] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006.

# 40

# Louvor perfeito

*Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor.*

(Mateus, 21:15 e 16 e Salmos, 8:2.)

Ouvindo os meninos clamando hosana ao filho de Davi e indignados pelas obras que Jesus mostrava, os sacerdotes e os escribas perguntaram-lhe: “Ouves o que estão dizendo?”. Respondeu-lhes o Mestre: “Nunca lestes que da boca de pequeninos e crianças tirastes perfeito louvor?”.

O menino recorda o processo de reencarnação, cuja finalidade, com a terapia do esquecimento, consiste na reciclagem dos valores a ser mobilizada nos primeiros anos da existência. Imperioso lembrar que a sementeira de novos valores, no Espírito da criança, repousa principalmente na obediência e no respeito a serem ensinados pelos pais, nos primeiros sete anos. Os tutores prudentes, que objetivam o êxito dos filhos sem esquecer o imperativo do amor, com a habilidade do pomicultor experiente, devem podar os rebentos da inferioridade moral que se manifestam pela agressividade, desobediência ou rebeldia infantis, tarefa que justifica o esquecimento e a própria reencarnação.

A criança deve ser admitida por Espírito adulto, cujo passado permanece sob o manto do esquecimento, envergando temporariamente a indumentária da inocência, não só pelo imperativo das células do corpo na sua formação, como também pela hipnose determinada no processo de redução do perispírito, a que se submete a alma que retorna ao mundo celular.

A despeito da personalidade que lhe caracteriza o pretérito, a criança revela, nos primeiros anos de vida, sentimentos de candura e pureza de coração, visando facilitar aos tutores a nobre tarefa de reeducação do ser imortal. Por isso

é tomada por modelo de virtudes, quando Jesus ensina que o Reino dos céus é para os seres que se lhe assemelham.

Se o Cristo, pois, sofreu impiedoso ataque do convencionalismo pretensioso, facultado pelo orgulho das autoridades religiosas, foi alvo de espontâneas manifestações respaldadas nos sentimentos de pureza de coração, comuns nos seres infantis ou nos Espíritos que, por sua evolução espiritual, já se assemelham às crianças, a exemplo do cego de Siloé (JOÃO, 9:30 a 38) e do samaritano leproso que prostra-se com o rosto a seus pés (LUCAS, 17:15 e 16), mostrando que o louvor perfeito pode advir da criança bem educada ou do adulto, quando demonstra superioridade moral.

Enquanto os adultos, denunciando falsos louvores, se qualificam por suas aparências, a criança se revela por sentimentos espontâneos, podendo-se concluir que, procedendo da boca dos pequeninos, o louvor compreende-se sincero e não de aparência.

# 41

# Ditosas moradas

*Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo?*
(MATEUS, 5 E SALMOS, 24:3 E 4.)

Além de destacar a evolução moral que se adquire na infinita escala do progresso, subir ao monte identifica, igualmente, o ingresso ao quadro dos bem-aventurados a que se refere o Sermão da Montanha, enquanto o imperativo de "ali permanecer" distingue a condição de residente, entre outros admitidos por simples visitantes. Convém esclarecer, pois, que as elevações ou os montes do Senhor compreendem as superiores moradas que traduzem o Reino de Deus.

O capítulo das bem-aventuranças com que o Cristo assinala o início de suas atividades messiânicas indica os seres que, por suas aquisições morais, constituem o quadro de habitantes das moradas superiores e os respectivos meios para alcançá-las:

- os que choram, porque serão consolados;
- os perseguidos por causa da justiça, porque é deles o Reino dos céus;
- os humildes de espírito, porque o Reino dos céus lhes pertence;
- os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus;
- os mansos, porque herdarão a Terra;
- os que têm fome de justiça, porque serão fartos;
- os misericordiosos, porque obterão misericórdia; e
- os puros de coração, porque verão a Deus.

Por serem diversos os fatores que dão motivo à lágrima, entende-se por que os homens que choram – classificados no primeiro item – podem figurar em

distintos quadros: de missionários ou dos seres em regime de provas e expiações.

Jesus chorou diante do túmulo que acolhia o corpo de Lázaro e à entrada de Jerusalém, por identificar o futuro quadro de sofrimento que esperava por seus habitantes.

Os humildes, os pacificadores, os mansos, os que têm fome de justiça, os misericordiosos e os de puro coração, pelas suas virtudes, recordam a classe dos missionários que, na Terra, conhecem o determinismo de serem excluídos dos favores de César, recolhendo, por companhia diuturna, incompreensão e desprezo, conformando-se com as migalhas que caem de mesas lautas e bebendo do cálice experimentado por Jesus.

As bem-aventuranças reservadas aos que herdarão a Terra – o quinto item – somente serão alcançadas depois do processo seletivo a ser instituído aos seres terrenos, por decidir a permanência dos futuros habitantes do planeta.

Quanto aos puros de coração, deve a pureza ser tomada em sentido relativo, porquanto, no sentido absoluto, somente o Cristo, o modelo máximo de evolução, pode ver o Pai celestial.

Por condições idênticas, vale recordar a comunidade de Espíritos puros, a que Emmanuel se refere, 28 “em cujas mãos se conserva a direção da vida de todas as coletividades planetárias”, traduzindo o mais destacado estado de evolução de que se tem notícia sobre o Espírito.

Se humildade, mansuetude e misericórdia são virtudes raras com que os missionários são reconhecidos, somente a pureza de coração permite ao Espírito ver a face do Pai celestial, até agora, atributo exclusivo de Jesus (LUCAS, 10:22).

---

28 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006, cap. 1.

# 42

# Herdeiros da Terra

*Os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre.*
(MATEUS, 5:5 E SALMOS, 37:11 A 29.)

Por conjugar o verbo no futuro, assegura Jesus, no Sermão da Montanha, que os mansos herdarão a Terra, considerando que, até agora, os déspotas, os violentos e os belicosos, como transitórios donos, alargam seus domínios sobre o mundo, apropriando-se de suas riquezas e modificando-lhe os limites geográficos.

Importa dizer que são os vultos destacados nas vanguardas financeiras ou políticas que figuram do quadro das prerrogativas e das homenagens, embora desconsiderando, com frequência, os meios utilizados na aquisição da riqueza que avidamente armazenam, com prejuízo à coletividade.

Salvo honrosas exceções, é nessa condição que o homem alarga a margem de suas imperfeições morais. Importa recordar os seres que se embriagam no transitório pedestal do poder, dilatando os limites do orgulho, da vaidade, da prepotência, do ócio e da mentira, além do sensualismo e de dependências diversas, que acabam por amolecer-lhes o caráter, com difícil acesso à reabilitação futura, sem mencionar os compromissos cármicos que adquirem.

Diante do imperativo da lei de evolução, o Espírito imperfeito, cuja consciência ainda anota o pesado aguilhão do remorso, é forçado a retornar ao palco das lides físicas, recapitulando, nas páginas de amargas experiências, capítulos de reparação, acompanhados das cinzas de complexos vários, como a revolta, a indolência, a queixa contumaz, a agressividade, além de possíveis manifestações obsessivas.

Habitar a Terra para sempre não significa viver eternamente no mesmo corpo físico, isento do processo de desencarnação, porque o Espírito que já venceu o quadro de animalidade ou que já alcançou o Reino do Céu, em outra dimensão, prossegue o processo de aprendizado e de evolução espiritual.

Pode-se, pois, concluir que herdar a Terra e nela habitar para sempre, nas duas dimensões, somente será possível aos seres que, pelas aquisições morais alcançadas e, na condição de atuais herdeiros, nela permanecerão como Espíritos, após o processo seletivo a ser imposto pela lei de evolução, também conhecido por grande julgamento ou juízo final.

# 43

# Templos

*O zelo da tua casa me devorará.*

(JOÃO, 2:17; JEREMIAS, 7:11 E SALMOS, 69:9.)

Entrando no templo, Jesus expulsou dali os que vendiam e compravam, dizendo aos cambistas:

> Não façais da casa de meu Pai casa de negócio. Não está escrito: minha casa será chamada casa de oração, em todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.

Por assegurar conscientização espiritual e reforma íntima, base plena da felicidade do homem, o Espírito Emmanuel traduz os valores religiosos por aquisições mais importantes do Espírito, considerando constituírem fator de iluminação definitiva da alma para Deus, razão da prioridade que Jesus atribuiu à Religião. Esclarece ainda que o Senhor acompanha todos os seres na senda religiosa, em todos os tempos e nas diversas latitudes da Terra, recordando a história religiosa da China, da Pérsia, da Índia, do Egito e da Grécia, onde se fez presente por meio de seus emissários.

Deve-se admitir, no entanto, que o Senhor se refere à Religião, em suas origens ou atualmente à Codificação, ponderando os estranhos conceitos que, no curso dos séculos, são introduzidos no organismo da Religião que, modificada em sua estrutura original, vem a ser reconhecida por dogmas e tradições ou pela magnitude dos templos.

O condicionamento é tão significativo que os próprios apóstolos, porque orientados de berço pela religião judaica, admirados, se aproximam do Mestre para lhe mostrar a imponência do templo de Jerusalém, ao que ele lhes responde: “Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada” (MATEUS, 24:2).

No judaísmo, as linhas arquitetônicas do templo de Salomão, as hierarquias do sacerdócio organizado, os paramentos, as cerimônias, o culto dos dias e dos lugares e as oferendas compreendem a árvore da religião mosaica, depois de doze séculos de sua implantação com o Decálogo, que acabou esquecido na arca da aliança.

Pela perseguição imposta aos missionários, o Cristianismo preservou o conteúdo do Evangelho nos três primeiros séculos, mas não escapou às transformações impostas por autoridades religiosas, a partir do consórcio imposto pelo Estado, já no quarto século.

Embora sabendo que, na tomada de Jerusalém, o formoso templo não escaparia à fúria destruidora imposta por soldados romanos, de cujas ruínas restariam apenas muros de lamentação, o Senhor ensina o respeito que se deve emprestar aos templos, mesmo admitindo que o Espírito mais evoluído traduz, por templo, a consciência e o próprio Universo.

Por isso, quando interrogado pela mulher de Samaria sobre o lugar de se orar, se no monte ou no templo, responde: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” *(*JOÃO, 4:23), ou seja, no templo íntimo.

Ainda que emprestando respeito a todas as edificações físicas como templos religiosos, a Doutrina Espírita destaca a importância que se deve atribuir à edificação íntima do homem, por tarefa principal, na conquista do Reino eterno de Jesus.

O templo espírita, ensejando o culto à Doutrina do Cristo, deve ser interpretado por casa de oração, de estudo e de assistência, nunca transformado em clube, teatro ou covil de mercenários.

Compreendendo o imperativo de melhor conscientização, justifica-se a transcrição de parte do capítulo 45 do livro *Notícias do reino*,[29] do mesmo autor:

> Em que pese a presença do Cristo e de seus mensageiros, facultando aos homens expressiva conscientização religiosa, não se pode olvidar a influência contrária desenvolvida por organizações compromissadas com a retaguarda, cujo alimento constitui-se da ignorância e das imperfeições morais dos seres deste planeta, com o que facilmente retardam a implantação do reinado de Jesus. Buscando manter a ignorância – base de seu reinado –, introduziram no contexto do Cristianismo conceitos subjetivos, radicalmente afastados da moral e do pensamento do Cristo, falseando interpretações, proibindo livros e fiscalizando o livre raciocínio, procrastinando a paz na Terra por muitos séculos.

> Na impossibilidade de se instituir hoje a antiga estratégia, valem-se de outros recursos, entre os quais a conhecida habilidade do “diabinho coxo”, que consiste em alimentar discórdias, infiltrando o fermento das doutrinas tradicionais no pão sem fermento de que se constitui a Doutrina Espírita.
>
> A Codificação não está vacinada contra esse vírus, considerando que grande número de seareiros procede das antigas lavouras, por isso suscetíveis dos equívocos outrora sustentados.
>
> Se o templo constitui-se de casa de oração por todas as nações, não será justo introduzir nele atividades estranhas ao Evangelho e à oração, sua legítima finalidade.

Deve-se ponderar que os fins nem sempre justificam os meios utilizados na obtenção de recursos destinados às atividades de assistência social.

Recorde-se a lição de Jesus afirmando que, onde estiver o cadáver, ali estarão, igualmente, os abutres (MATEUS, 24:28). Meios escusos, dentro ou fora dos templos, são sempre símbolos de alimento de abutres.

Que os responsáveis pelo movimento espírita, a exemplo do Cristo, se deixem consumir de zelo à Casa Espírita, como lembra o presente salmo.

---

[29] MOUTINHO, João de Jesus. *Notícias do Reino*, 2010.

# 44

# Homens e deuses

*Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo.*

(JOÃO, 10:34 E SALMOS, 82:6.)

É razoável entender todos os seres por filhos de Deus, ou ainda considerá-los deuses, segundo definição do evangelista João e do salmista Asaf, considerando a partícula da divindade que guarda na condição de descendentes. No entanto, não se pode olvidar a infinita escala de evolução no exame dos valores de cada criatura. Enquanto há Espíritos estagiando experiências de primata, outros já alcançaram mundos celestes ou divinos, segundo a escala apresentada pelo Codificador.

Os judeus sabiam que as referências Filho de Deus, Filho Unigênito ou Ungido de Deus pertenciam ao Grande Esperado ou ao Cristo a que os profetas e os salmos faziam alusão. Exaltavam-se, pois, considerando blasfêmia quando Jesus se declara Filho de Deus. Diante disso, o Cristo perguntou-lhes: “Não está escrito na vossa lei: Eu disse, sois deuses? Se chamou de deuses aqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, por que considerais blasfêmia quando me declaro Filho de Deus?”.

Importante anotar o pensamento de Emmanuel, alusivo ao presente salmo:

> Em todo homem repousa a partícula da divindade do Cristo, com a qual pode a criatura terrestre participar dos poderes sagrados da Criação. O Espírito encarnado ainda não ponderou devidamente o conjunto de possibilidades divinas guardadas em suas mãos, dons sagrados tantas vezes convertidos em elementos de ruína e destruição. Entretanto, os poucos que sabem crescer na sua divindade, pela exemplificação e pelo ensinamento, são, na Terra, admitidos por santos, por afirmarem a sua condição espiritual, sendo justo que todas as criaturas procurem alcançar esses valores, desenvolvendo para o bem e para a luz a sua natureza divina.[30]

[30] XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, 2006, q. 302.

# 45

# Zelo dos anjos

*Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.*

(MATEUS, 4:6 E SALMOS, 91:11.)

A presente citação constitui-se de palavras que o diabo, no pináculo do templo, teria dito a Jesus depois do jejum simbólico de quarenta dias e quarenta noites: “Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito para que te guardem; eles te sustentarão para que não tropeces nalguma pedra”, ao que o Cristo respondeu: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.”

Se o diabo pode ser configurado por Espírito moralmente inferior, o mesmo não se pode dizer quanto à inteligência que demonstra ter.

Tais seres não se definem por criação paralela à do homem, de acordo com a cultura alimentada no mundo das doutrinas tradicionais. São Espíritos comuns, filhos do mesmo Criador, apenas estacionados à margem de uma senda que compreende a evolução moral.

Espíritos temporariamente equivocados elegem um reinado próprio de ficção, mediante um poder arbitrário e prepotente, alheio à justiça e ao decoro.

Sabem que o retorno ao caminho do Mestre é inevitável, exigindo posterior reparação das faltas que assumiram no largo campo do falso poder e liberdade, razão de se demorarem no terreno da indecisão, sufocando a voz da consciência até que, no curso do tempo, sejam vencidos pelo cansaço e pelo tédio.

Enquanto isso, dominados pelos sentimentos de revolta e de insubmissão, procuram atrair, para o seu domínio, seres incautos, encarnados ou não, que conquistam pelas vias da tentação a que estão sujeitos apenas os que cultivam o joio das imperfeições morais, considerando afinados na intimidade do coração com os Espíritos inferiores.

Não se deve estranhar, pois, que conheçam salmos e textos evangélicos e que identifiquem Jesus por grande Esperado, o que os obsessores dos gadarenos também mostraram conhecer ao exclamarem: “Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (MATEUS, 8:29).

Os sacerdotes, no entanto, denunciando maior extensão de inferioridade moral, exigem dele sinais no céu, enquanto anotavam, preocupados, as obras que o Cristo fazia, dizendo: “Este homem faz muitos sinais. Se o deixamos assim, todos crerão nele” (JOÃO, 11:47 e 48).

Esclarecendo aos apóstolos que, para se ingressar no Reino dos céus, é necessário demonstrar justiça superior à dos escribas e dos fariseus, indiretamente, o Senhor assegura que os representantes religiosos não constariam desse reinado, onde seriam precedidos até pelas meretrizes.

Traduzidas por aquisição própria, a conscientização e a íntima iluminação compreendem a palavra ou as ordens que procedem dos anjos, ou o respectivo poder com que os seres dominam a si mesmos, razão por que ser tentado significa desprezar ou desconhecer a voz da consciência, então responsável pelas próprias ações, na razão dos conhecimentos adquiridos.

Importa, à guisa de exemplo, compreender o zelo dos pais na proporção da idade do filho, considerando que, depois de adulto, pelo anjo da própria conscientização, o filho será guiado.

As pedras de tropeço, nas quais a imprevidência se fere, só comparecem na senda do homem escravo da ambição, da avareza e das posses materiais que, traduzindo enfermidades da alma, ainda o mantêm vinculado à enfermaria do mundo.

Por se referir às superiores ordens que os próprios anjos recebem a respeito do Cristo, não como mentores, mas na condição de servos, mais um texto exalta a extensa evolução do Senhor, cuja glória com o Pai celestial precede à construção do Sistema Solar que criou e que administra.

# 46

# Assento à direita

> *Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.*
>
> (MATEUS, 22:14 E SALMOS, 110:1.)

Fariseus e religiosos tradicionais, analisando equivocadamente o salmo 110, anotado também por Mateus, atribuem a Davi a condição de ascendente do Cristo, por admitirem Jesus e Deus a mesma pessoa, engano que o Senhor procura corrigir com as seguinte palavras: “Que pensais vós sobre a genealogia do Cristo? De quem é filho?” “De Davi”, responderam eles. Retrucou-lhes ele: “Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor?” (MATEUS, 22:43).

Admitindo-se por equivocada tal interpretação do texto, convém emprestar-lhe a seguinte redação: Disse o Senhor Deus a Jesus, meu Senhor: Assenta-te...

A referência sobre a genealogia do Cristo, presente nos evangelhos de Mateus e de Lucas, recordando talvez o condicionamento religioso dos tradutores, também sugere Davi por seu ascendente. No entanto, o Espírito Emmanuel assegura que a “genealogia de Jesus confunde-se com a poeira dos sóis que rolam na imensidão do Universo”.

O profeta Miqueias anota que a origem do Senhor compreende os dias da eternidade (MIQUEIAS, 5:2), enquanto o salmo 90 assegura que, antes que houvesse mundo, de eternidade em eternidade ele é o Senhor, o que Jesus confirma na oração sacerdotal, ao referir-se à glória que tem com o Pai, antes que houvesse mundo (JOÃO, 17:5). Deve-se, pois, inferir que o salmo de Davi teve por exclusiva finalidade localizar a presença do Mestre junto aos filhos de Israel, considerando ser esperado por outros povos da antiguidade.

Assentar-se à direita de Deus, honra exclusiva atribuída ao Cristo, é demonstrar sua grandeza espiritual, que precede à fundação do Sistema Solar a que preside.

Jesus também faz alusão aos profetas Abraão e Isaías, que viram a sua glória, pelo que muito se regozijaram (JOÃO, 8:56 e 12:41). Conhecer a glória do Cristo é configurar, igualmente, a própria evolução espiritual, admitindo-se por raros os seres que, na Terra, já alcançaram a subida honra de ver o Senhor.

Por inimigos do Mestre (e não de Davi) que ficariam sob seus pés devem ser catalogados os seres ou organizações que laboram contrariamente aos ditames do Evangelho, abonando a guerra, a corrupção e a fome, institucionalizando a mentira, a apropriação indébita e a dissolução dos valores morais ou ainda impondo distorcidas interpretações a textos evangélicos, com o que destroem o lar, a sociedade e o próprio homem, à semelhança do que ensina a mídia atual.

Colocá-los debaixo dos pés significa não lhes emprestar qualquer apreço, em que pese o elevado patamar econômico em que se situam ou os títulos que conquistaram, considerando o processo de saneamento a que, brevemente, a sociedade terrena será submetida, quando proscreverá do planeta os contumazes inimigos e perturbadores da paz e da felicidade humanas.

# 47

# Pedra angular

*A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina.*
(MATEUS, 21:42 E SALMOS, 118:22.)

A evolução moral do homem deve compreender, simbolicamente, expressivo monumento a ser erguido, exigindo solidez à sua base, também conhecida por alicerce, para cujos ângulos selecionam-se os melhores blocos, conhecidos antigamente por pedras angulares ou de escanteio.

Na edificação moral-religiosa, a pedra angular recorda o Cristo ou o Evangelho, na versão em que é divulgada pelo espiritismo.

Por se atribuir aos profetas, discípulos e missionários o título de construtores convidados do Cristo, importa admitir a presença de falsos construtores que, por não terem sido convidados, rejeitam a pedra fundamental, de que o Cristo se constitui por símbolo.

Tomando-se a educação moral íntima, respaldada na vivência do Evangelho, por estrutura do edifício da paz e da felicidade eternas, e observando a presença das imperfeições humanas impedindo ainda mencionado estado, conclui-se que os monumentos, até agora erguidos, confundem-se com mausoléus, que repousam sobre bases de areia movediça, ocultando corpos em decomposição das convenções humanas, condenadas ao descrédito, com a evolução científica e espiritual do homem.

Desgastadas pela erosão da ignorância e do tempo, compreendem as doutrinas implantadas pelo homem, no curso dos séculos, enquanto o Evangelho constitui-se de pedra de escanteio, rejeitada pelos pretensos construtores, representados por Anás e Caifás, que entregam Jesus à crucificação, sob o libelo de chamar-se Filho de Deus.

Convém esclarecer, finalmente, que, na interpretação do presente texto, Evangelho e Jesus devem ser admitidos por sinônimos.

# 48

# Criador de estrelas

*Conta o número das estrelas, chama-as a todas pelos seus nomes.*
(ISAÍAS, 40:26 E SALMOS, 147:4.)

Sem confundir as estrelas que diariamente reaparecem no firmamento, à medida que o manto escuro da noite se estende sobre a Terra, fazer sair estrelas significa criar os sóis que formam os sistemas planetários, as galáxias e o próprio Universo.

Revestem-se de significativa importância as informações contidas no salmo, anotadas também pelo profeta Isaías e confirmadas por Emmanuel, que atribui a Jesus a condição de Criador do sistema planetário a que a Terra pertence, prerrogativa que exalta sua evolução, destacando-se dos habitantes da Terra, admitidos à segunda categoria de Espíritos na escala ensinada por Kardec.

Convém conhecer alguns dos versículos escritos, mediunicamente, pelo evangelista João e pelo profeta Isaías a seu respeito:

“E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (JOÃO, 17:5).

“Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou.” (JOÃO, 8:58).

“Ainda antes que houvesse dia, eu sou” (ISAÍAS, 43:13).

“Eu fiz a terra, e criei nela o homem; eu o fiz; as minhas mãos estenderam os céus” (ISAÍAS, 45:12).

Tomando-se por base as anotações citadas, é compreensível reconhecer a faculdade mediúnica dos missionários por fonte das melhores informações

alusivas ao Cristo ou sobre as diversas moradas contidas no Universo, antecipando, singularmente, as revelações da Ciência no curso dos milênios.

Emmanuel assegura que os grandes iniciados do Egito, por meio da mediunidade, detinham extraordinários conhecimentos a respeito da existência do Deus único, do degredo deles à face da Terra, da comunicação dos mortos, da pluralidade de existências, dos mundos habitados e do grande julgamento.

Foi ainda por via mediúnica que os egípcios obtiveram notícias sobre o fim de seu degredo na Terra e de seu regresso aos planos de origem, pelo que foram inspirados à construção das pirâmides que guardam singulares profecias sobre o porvir, além de perpetuarem sua memória às civilizações atuais e futuras do orbe terreno.

Os astecas, também por via mediúnica, detinham informações sobre o fim de sua civilização, de que Fernão Cortez se constituiu de instrumento, em 1519, enquanto os maias se reportam ao juízo final, com início por eles assinalado para dezembro de 2012.

Finalmente, pode-se concluir que as profecias sobre o domínio do Cristo, na criação das estrelas e na eternidade de suas origens, estabelecem parâmetros para melhor definir sua inquestionável evolução, enquanto os seres terrenos ainda permanecem na condição de meninos espirituais.

# 49

# O divino Esperado

> *Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus.*
>
> (MIQUEIAS, 5:2 E SALMOS, 90:2.)

O exame do presente texto restaura a singular nobreza do Cristo, de hábito configurado, equivocadamente, pela criatura terrena, como semelhante a si própria.

Enquanto Miqueias mostra suas origem nos distantes dias da eternidade, o salmo refere-se a uma eternidade anterior à formação do mundo, lembrando o que consta da oração sacerdotal, em que Jesus faz alusão à sua glória com o Pai desde os perdidos tempos que precedem a criação da Terra (JOÃO, 17:5).

Se a idade da Terra aproxima-se dos quatro bilhões e meio de anos, as origens do Cristo perdem-se numa eternidade anterior à criação do sistema e do próprio homem, cuja origem, segundo Emmanuel, se identifica nos protozoários, há um bilhão e meio de anos. Emmanuel dilata o quadro de sua magnitude ao dizer que

> Jesus faz parte de uma comunidade de Espíritos puros que, eleitos por Deus, dirigem todos os fenômenos da vida de todas as coletividades planetárias.[31]

Recebidos no reinado do Cristo em recuadas eras, aos exilados da Capela, Jesus propõe orientação permanente nos difíceis caminhos que haveriam de percorrer no plano terreno, além de prometer sua futura presença junto deles na Terra.

De significativa importância conhecer o que o instrutor espiritual diz a respeito:[32]

Tendo ouvido a palavra do divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos instalados, guardaram a reminiscência das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionários.

As epopeias do Evangelho foram previstas e cantadas alguns milênios antes da vinda do Sublime Emissário. Os enviados do Infinito falaram, na China milenária, da celeste figura do Salvador. Os iniciados do Egito esperavam-no com as suas profecias. Na Pérsia, idealizaram a sua trajetória, antevendo-lhe os passos nos caminhos do porvir; na Índia védica, era conhecida quase toda a história evangélica que o sol dos milênios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina, enquanto o povo de Israel, durante muitos séculos, cantou-lhe as glórias divinas, na exaltação do amor e da resignação, através da palavra de seus profetas mais eminentes.

Uma secreta intuição iluminava o espírito das massas populares.

Todos os povos o esperavam em seu seio acolhedor; todos o queriam, localizando em seus caminhos a sua expressão sublime e divinizada.

No entanto, se os sacerdotes e o povo esperavam o Redentor num carro de glórias divinas, conduzido do Céu à Terra por legião de anjos, o Cristo escolheria por berço rústica manjedoura e, por ascendentes, humildes seres, para os quais não havia lugar nas hospedarias da Terra.

Não se destaca no mundo do poder econômico, admitindo por riqueza os dotes intransferíveis do amor e da moral, nem se identifica por títulos convencionais, por considerar o eterno adjetivo de Filho do Altíssimo.

A presença do Cristo é anotada com inusitado júbilo por desconhecidos magos que, possuidores de singulares faculdades mediúnicas e de elevados dotes morais, assinalam música celeste e vozes dos anjos que anunciam sua chegada à Terra, deixando-se orientar pela estrela que, mediunicamente, os conduz à manjedoura.

No curso de sua abençoada jornada terrena, destaca sua preferência às ovelhas desgarradas, para as quais se fez presente no mundo, considerando serem os mais carentes de valores morais, anunciando o Reino dos céus aos que sofrem o império do reinado terreno e, porque não aceitava humano testemunho, identifica-se pelas curas de enfermidades físicas ou espirituais ou pela multiplicação de pães e peixes aos enfermos ou famintos.

Apresentando-se, no cenáculo, aos apóstolos tristes e desanimados, ainda no domingo de Páscoa, confere-lhes a mensagem inolvidável de imortalidade, sustentada hoje pela Codificação, podendo-se admitir que o Cristianismo, ferido de morte no calvário, renasce com o Cristo, por identificar-se, mediunicamente, aos discípulos.

[31] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006, cap. 1.

[32] XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*, 2006, cap. 3, it. 5.

# 50

# Bom pastor

*O Senhor é o meu pastor.*

(JOÃO, 10:11 E SALMOS, 23:1, 4 E 6.)

O título que identifica o salmo de Davi anota referência ao seguinte texto de Jesus:

> Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebata e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido (JOÃO, 10:11 a 14).

Interrogado sobre a condição de ser o Cristo, respondeu aos judeus: “As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim. Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito” (JOÃO, 10:25 e 26).

Com base no que diz aos judeus, consulte a própria consciência a criatura que se admite por ovelha do Senhor, louvando-se, ainda, nas seguintes palavras: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas” (JOÃO, 14:12); “Em meu nome expulsarão os demônios; [...] e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” (MARCOS, 16:17 e 18).

Somente à legítima ovelha o Senhor promete, simbolicamente, os verdes prados e as fontes refrescantes, além de conduzi-la sob o bordão do Evangelho às veredas da justiça e do amor, em cujo plano nada lhe faltará, considerando, ainda, o que contém o seguinte pensamento de Paulo: “Se esperamos em Cristo

só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (I CORÍNTIOS, 15:19).

O vale da sombra e da morte, a que o salmo se refere, recorda o quadro das defecções morais íntimas ou a consciência dos seres imperfeitos, traduzindo, para os missionários, os planos moralmente inferiores como a Terra onde estagiam a serviço de Jesus (JOÃO, 17:15).

Ao escrever o salmo, Davi admitia-se por ovelha de seu aprisco. Dizendo habitar para sempre na casa do Senhor, fazia alusão à sua permanência na Terra, na condição de Espírito, depois do grande julgamento:

> *O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.*
>
> *Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.*
>
> *Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.*
>
> *Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.*
>
> *Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.*

# Código do Reino

João de Jesus Moutinho

O autor organizou este trabalho com o propósito de contribuir para a seara da Codificação, num esforço inteiramente despretensioso. Dirigindo-o àqueles que se dedicam ao estudo do Evangelho à luz da Codificação, o autor proporciona novos prismas pelos quais as lições de Jesus podem ser analisadas. Enquanto o emérito benfeitor Emmanuel, inconfundível nas lides de interpretação evangélica, analisa os versículos em separado, indiferentemente do capítulo a que pertençam, faz-se aqui o estudo dos capítulos em si, restaurando o pensamento de origem, bem distinto da exegese tradicional. Sendo a liberdade preceito consagrado pela Doutrina Espírita, neste terreno surgem as mais diversas deduções, que correspondem, por via de regra, ao senso moral e à escola doutrinária de cada ser. Não devemos esquecer, entretanto, a orientação de Simão Pedro: "Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação" (II Pedro, 1:20).



ISBN 978-85-7328-725-7